

Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO I

Bello Horizonte, — Outubro de 1925

N.º 8

SUMMARY

PEDAGOGIA — O valor educativo do vocabulario. — As mentiras infantis — A pedagogia — A Educação dos anormais — O ensino pelo cinema — Ideias sobre o ensino primario em nossa terra — HISTORIA E LITTERATURA — Joaquim Silveiro dos Reis — Lira de Gonzaga allusiva ao visconde de Barbacena

— A musica na Escola — As crianças do grupo Escolar «Coronel Coelho», em Capelinha — Lira de Patria — SECÇÃO RECREATIVA — Folk-Lorismo, A Vara — Jogos activos — SECÇÃO OFFICIAL — Professores elogiados.

PEDAGOGIA

O valor educativo do vocabulario

CLAUDIO BRANDÃO

I

Si o vocabulario é o elemento vital do conhecimento de qualquer idioma, de ponto lhe sóbe a relevancia no ensino do vernaculo, centro e chave de todo o edificio mental.

São as palavras o estójo em que se talha o pensamento, a tcla mysteriosa em que elle se contórna e se matiza; e, si ellas lhe não constituem a materia prima, servem, ao menos, para external-o e amplificar-o.

As associações e as dissociações verbaes, correspondendo a semelhanças e a contrastes ideologicos, tendem, por isso, a dilatar e a illuminar o campo da visão intellectual, na razão directa do numero de vocabulos apprendidos e memorizados; ou, noutros termos, o processo ideativo é favorecido, opulentado e subtilizado pelo augmento do contingente lexical.

Daqui resalta a necessari lade de um vocabulario copioso para se expressarem, mais perfeita e nitidamente, todas as manifestações intellectualizadas de nossa synergia somatico-psychica, na extensissima escala de suas modalidades e cambiantes.

O individuo pouco imaginativo, mas assás verboso, objectiva o producto de sua inventiva frouxa com mais brilho que o individuo de criação facil, mas de lexico restricto: a riqueza expressional de um avulta, muitas vezes, o que, na essencia, é mesquinho; a pobreza vocabular do outro amesquinha, não raro, o que, em si, é vultoso.

Achar-se-ia a explicação disso no facto de se subordinarem as palavras ás mesmas leis de evocação das idéas, de que são ellas imagens. De feito, o vocabulo A suggere a idéa A', e a idéa A', evocando a idéa B', evocará tambem o vocabulo B, que a exterioriza.

Em condições psychicas normaes, abalado o primeiro élo de uma cadeia de representações contiguas ou vinculadas, perpassam, com rhythmo perfeito, no scenario mental, series inteiras de outras imagens conexas com ellas, as quaes dormitavam nas sombras do sub-consciente, e, surtas então no intellecto, arrastam consigo o seu elemento objectivo — o termo. E' a "corrente do pensamento" de W. James.

O mesmo vocabulo, porém, pôde acordar noções mui diversas, conforme a rede representativa a que se prende. A palavra *folha*, por ex., exprimirá cousas distinctas, consoante tratar-se de botânica, de architectura, de metallurgia, de typographia, etc. Significa este facto, de tanto alcance semasiologico, que, revestindo o vocabulo acceção particular, concorde com o dominio em que figurar, suscitará idéas incluídas nesse dominio, fazendo, porém, esquecer as outras que possa traduzir, pertencentes a outro systema de representações. Zichen (1), usando um tropo feliz, denominou esse phenomeno — "constelação de idéas".

Assim, dado um termo, cabe ao professor examinar, não sómente as imagens por elle suggeridas em determinada rede, mas tambem percorrer outras redes em que appareça. Esse trabalho, sobre extender o vocabulario do alumno, povoa-lhe o cerebro de noções cada vez mais numerosas e complexas, a elle sobremodo prestadias, quando, por exemplo, quizer fazer uma composição ou desenvolver um assumpto aos quaes ellas se liguem.

Estas ligeiras observações de ordem psychologica salientam a villa do vocabulario como meio de instruir e de educar, mórmente durante o estádio evo-

Die Ideenassoziation des Kindes.

lutivo da criança, no qual é intensa sua receptividade verbal; nesse período em que as palavras e as idéas, posto incompreendidas, facilmente se estampam e acumulam no cérebro, dando-lhe, no mais alto grão, esse poder de aquisição vocabular, a que Binet chama *verbalismo*.

Empreguesse, portanto, um vocabulário vasto, nessa fase de armazenagem verbal, para que as palavras, mais ou menos associadas, se multipliquem e se estratifiquem no espírito da criança, ministrando-lhe, ao mesmo tempo, material precioso da idéa, e do desenvolvimento da imaginação, da idéa, e tanto em suas faculdades superiores (generalização, abstracção, etc.), que, mais tardiamente, irão completá-lhe a cerebralidade.

Experiências feitas por Binet e Simon deixam vislumbrar a existência de um pensamento dissociado de imagens e de palavras, sentimento intelectual indeciso, e quanto perceptível, que se precisa, adarar, animar e amplificar, quando apparecem as imagens e as palavras.

Mas, além disso, observações iteradas e meticolosas experimentos (Binet) tem firmado o caracter fundamentalmente concreto da idéa infantil; ella se limita, em regra nos objectos materiaes existentes no ambiente em que a criança vive (casa, escola, cidade, campo, etc.). Só ulteriormente é que se apuram, se espiualizam, se engrançam essas idéas simples, essas percepções rudimentares, essas aquisições quasi unicamente sensorias.

Dai nasce para o mestre o dever, não de impor ao espirito do menino palavras cujo valor não pôde apprehender, que não são elle verdadeiros *factus vocis*, sacros vazes de sentido e de interesse, mas de acceionar-lhe, a todo o instante, o poder de aquisição sensorial e perceptiva, mediante systemas de associações ideologicas e verbales interessantes, que lhe recriem na visão psychica, que lhe avivem a curiosidade e lhe fixem a attenção. «La première chose à faire, c'est d'enseigner aux enfants les vocables qui désignent les choses qu'ils voient et celles dont on leur parle. Les leçons de choses sont donc aussi des leçons de mots. Elles enrichissent le vocabulaire. Nous avons déjà dit qu'il importe de ne pas séparer les signes, c'est-à-dire les mots, de leur signifié. Il serait absurde de s'appliquer à apprendre à la mémoire des enfants des mots qui n'auraient aucun rapport avec leur cercle habituel d'idées et de sentiments.

Mestrem-se, pois, creança, objectos que lhe agradeam, sempre que elle despertem o senso estético e moral (as peças de um edificio, um bello crespulo, uma tempestade, uma arvore magestosa, um acto de virtude, etc), ligando nos mesmos vocabulos adequados. Procure-se, nesse exercicio tão profundo, não só educar os sentidos e discriminar as sensações (diferenciação de cores, de formas, de sons, de impressões tacteis, musculares, cenestheticas) sino também desenvolver a observação e a potencia creadora do menino, tanto objectiva como subjectivamente.

Mas esses exercicios exigem rigorosa disciplina da parte do mestre: obrigue o alumno a ver,

a reparar, a pensar e a encontrar o meio de exprimir-se; mas evite amontoar-lhe no cerebro, profusa e tumultuariamente noções vagas e, por isso, fugidias. - Em logar de mobilizar o espirito da creança de aquisições puramente verbales, sob o pretexto de que, mais tarde, as comprehenderá, o que importa é ministrarlhe noções que sejam conformes á receptividade do seu julgamento e da sua comprehensão, de maneira que ella seja levada por si, naturalmente e conscientemente, a descobrir e a formular a lei, o principio, a regra. » (2) Nada de termos geraes, de expressões abstractas; p. ex. não se póde simplesmente dizer: «inclinação, acto de inclinar», mas deve-se *inclinar um livro, mostrar conspectos, inclinar o corpo, inclinar, mandar o menino inclinar seu caderno, suscipis, sua cabeça* enunciando elle verbalmente cada um desses actos, e passando depois a formar phrases em que sejam empregados os vocabulos *inclinar, inclinação*. Assim, elle percebe logo e retém duradouramente o sentido de tais termos.)

São tambem uteis algumas associações, mais por contraste do que por semelhança, pois a creança, segundo o tem demonstrado interessantes experiencias, percebe, com maior rapidez, as antitheses que as analogias.

Quando o professor propõe á consideração do menino um objecto, uma paisagem, um quadro, deve ao mesmo tempo que lhe ensina o vocabulário correlato aos mesmos, suscitar e desenvolver nelle o senso analytico, levando-o ao exame das minucias, a minima e, por essencia, synthetica, a sua visão intellectiva é, por natureza, unitaria, a sua apprehensão, é por indole, global. Apsi está a razão pela qual se deve partir do simples para o complexo, do todo para as partes, respectivamente, assim, essa percepção do conjunto, esse *syncretismo*, conforme lhe chama Claparède.

Nas classes adaptadas, o estudo do lexico, além de ampliar e esclarecer noções extranhas ao dominio linguistico, accresce muito os proveitos relativos a este: estabiliza-se a orthographia; surgem interesses semanticos — synonymia, archaizacão, innovação, concreção, generalização e especialização de sentido, vocabulos compostos e derivados, etc. Como corollario, aguçase o espirito de perquisição: apura-se o senso do valor exacto dos termos; augmenta-se a intuição da medida, que expunções de conceitos antagonicos, todos os defeitos, em summa, que, tanta vez, deslumbram a elocução de homens intelligentes e cultos, mas mentalmente desadecuados.

Todo o ensino do vernaculo conviria se centralizasse no vocabulário, principio aviventador e fecundo da linguagem. A elle deveriam os professores dar maior attenção, preferindo a essa grammatica fria e inerte, exhaustiva e esteril, á qual se

(1) E. Rehrich — Philosophie de l'éducation, pag. 166.

(2) Faria de Vasconcellos—Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental, pag. 295.

atribuiu uma importancia exaggerada, no erroneo pressuposto de ter ella a magica virtude de ensinar a lingua. Em vez de fatigar-se o alumno com a memorização mecanica e inconsciente das regras aridas, de complicadissimas terminologias, de miúdas classificações, cujo sentido não colhe, cuja razão não descobre, cuja applicação não vê ou não faz, melhor fóra impregnal-o de idéas, e não agravar-lhe a natural myopia intellectiva, extenuando-lhe a memoria, e atropelhando-lhe a reflexão. Revela que o mestre se compromete do conselho de Montaigne: «Qu'il (o mestre) ne luy (ao alumno) demane le pas seulement comple des mots de ses leçon, mais des sens et de la substance, et qu'il juge du profiteur qu'il aura fait, non par le témoignage de sa mémoire, mais de sa vie". (1)

Depois de haver apparelhado ao seu discipulo com um lexico abundante, depois deavel-o dotado com uma visão recta das cousas, então en-

sine-lhe a grammatica, mas viva, suggestiva, baseada na sua proprio verbal. A regra importa ser formulada pelo proprio alumno, deante de um texto ou de uma phrase a elle propostos, e, uma vez firmada, applica-se logo, num serie extensa de exemplos, que inventará, mobilizando para isso as palavras conhecidas.

Fóra de desejar que esse processo, de resultad seguro e duravel, se empregasse através de toda a vida escolar, do curso primario até aos ultimos estudos da lingua materna, estabelecendo-se destarte, uma didactica uniforme, sobremaneira proveitosa ao estudante. E para isso bastaria uma educação pedagogica bem orientada do professorado, e um pouco mais de esforço da sua parte.

No proximo numero, trataremos dos varios meios e processos de se ensinar o vocabulário.

(1) Essais, L. I. c. xxv.



I e II teams de basket-ball.—Alunos do III anno da Escola Normal Modelo

As mentiras infantis

Tradução de José Altimiras

A verdade e mentira nas relações humanas

Consideradas nos pontos extremos, a verdade e a mentira tornam-se ás vezes intoleraveis, porque, collocadas dentro de um marco social limitado pelos costumes, usanças, tradições e regras de moral, rompem o equilibrio que mandam o criterio individual com o mundo externo, sendo não só esse rom-

pimento uma impudencia, como também um perigo.

E' a verdade de tal maneira fria em certas emergencias, que nós vemos obrigados a prescindir della para possibilitar essa a humanidade que o mundo impõe e que é tao necessaria ao homem como a verdade mesma.

Sua applicação rigida, no entanto, é para sustentar, ficando subalternada a formulações e convenções usances que tendem a harmonizar os interesses em conflicto, a emular as esperanças e sympathias alheias.

Não é, pois, verdadeiro, em seu caracter essencial, o principio basico do conceito moral que re-

clama medidas inadmissíveis de orientação educativa, contra as fições infantis, porque si desaparecesse a mentira com seu seqüito de fições e aparências, a existência reduziria-se a uma palizagem árida, triste e sombria.

A verdade tem direitos indiscreíveis, como a mentira os tem adquiridos. Tanto na ordem da ciência como no campo administrativo a adulteração da verdade é uma forma negativa do progresso, forma que corrompe e desorienta; não se conhece o mesmo, porém, nas relações sociais e nas manifestações da arte, onde é impossível aplicar seus princípios austeros sem destruir ao mesmo tempo as leis da estética e do bom gosto, que desempenha papel assaz saliente no maior exclusivo do sentimento.

É dever estrito reconhecer os fôros invioláveis da verdade, o conhecimento íntimo de seu alcance e de sua função suprema, quando nella se alicerçam o bem público, o triunfo da ciência e a ante-visão do porvir.

As gerações pugnam pela verdade porque é ella o *dever do certo e a honra da consciência*. Esta feição da verdade, onde se aninha tranquilo o espírito colectivo, é a que deve arruinar-se por todos os meios, para nella firmarse o bem-estar geral, para ampliar e manter a confiança mutua em uma aura de optimismo e de fé, de resultados fecundos e inestimáveis.

Assiste, portanto, ao educador, combater a mentira nociva, esse mentira que enredra a satisfação pessoal em detrimento da sociedade e da própria consciência; lutar contra o ardil, a traição e a fraude, razões sufficientes da exploração da ignorância e da hão fé de outros; exultar, sobretudo, a mentira perversa que destrõe, avilta, infama.

Não fazem parte da mentira esses mil menios com que a phantasia afomoseia a natureza; as inumeráveis modalidades da arte, que nos empolgam e eletrizam; as flores fragrantas do pensamento, os ilusões e os ideões, os gestos de cortezia que não deixam de agradar, porque são bellas mentirolas que desentendam o espirito sequioso, neste mundo de realidades dolorosas.

A mentira em sua origem e aspectos psicológicos

O estudo da mentira na creança é fundado em causa de orden psychologica e de caracter social, cuja distincção é impresscindível affirm de que se possa determinar de modo concreto a possibilidade de combatal-a, conforme tal tendencia se manifeste como vicio natural ou adquirido.

O primeiro passo a dar é conhecer si a mentira nas creanças é uma manifestação de cunho geral para, no caso affirmativo, investigar a essencia da mesma.

Das multiphas pesquisas realizadas pelos psychologos, chegou-se á conclusáo de que todos os meninos mentem.

Quanto á natureza da mentira, achamo-nos em face da theoria do inenismo, sustentada pela theologia medica e admitida por Montaigne, Roth e outros auctores eminentes; os pedagogos contemporaneos, porém, mais de accordo com os exitos da experiencia e mais escrupulosos no attinente ao desenvolvimento das funções mentaes, rejeitam a dita hypothese e accetam a de certos motivos psueculares á infancia: temor, phantasia, exuberancia imaginativa, falta de siço, etc., assim como outras razoes de caracter social, observando-se a influencia do ambiente até nos mesmos casos de natureza pathologica.

O menino mente para viver de accordo com o mundo illusorio em que se acha. Vive em suas mentiras como na realidade de um sonho que não sabe e nem pode analysar e que responde ás impressões com o impulso phantastico de suas creações irreaes que um juizo nascente e imperfeito dirige.

Accoita frequentemente as apparencias como realidades e perlustra um roteiro confuso para a soluçáo e explanação dos factos.

Mente a creança, porque tem pouca memoria, uma grande proclividade para objectivar, demasiada suggestão, experiencia reduzida, escasso poder logico e uma linguagem pobre e inadequada. Mente para libertar-se do castigo, por egoismo, imitação, vergonha e, por vezes, por sympathy, vaidade e estentação.

Considerados estes motivos primordiais, dividem-se as mentiras em duas grandes categorias: mentiras apparentes ou falsas affirmações e mentiras reaes.

Por motivos psychologicos fallecem aquellas de toda responsabilidade, não acontecendo o mesmo com as mentiras reaes, porque contem o factor intencional e implicam o deliberado proposito de falsar a verdade com fins proveitosos ou convençães.

Sua intensidade malefica offerece uma escala variada, desde a perturbação até o delicto. São estas que exigem vigilancia do educador.

É de alvite advertir que na especie das mentiras reaes, ha umas que por caracter e indifferencia, são toleraveis e imprezindiveis á condicão do menino. Taaes são as que a creança erreda, ás vezes, quando cede á tendencia instintiva da imitação, acompanhada inseparavel de seus brincoes, emprestando ao pequeno o apparelho phantastico que tanto entusiasmo e interesse desperta á infancia.

Si pelo facto de combater a ficção fosse invadido este campo privativo da puericia, quebrar-se-ia o encanto, aniquilando um dos mais valiosos elementos da instrucção, além de contrariar as leis naturaes que o impõem imperiosamente nos primeiros annos.

(Continúa)

(Da revista *El Monitor de la Educacion Comman*, de Buenos Ayres.)

METHODOLOGIA APRENDIZADO EDUCATIVO OS TROPHES ESCOLARES

(CONTINUAÇÃO)

O pensamento não deve ser uma chamma sem calor, mas transformarse em movimento e ser util á sociedade; dahi a fórmula de George Sand para o ensino: exaltação da vontade num meio de realidade.

Saber é o meio: crear é o fim. Pico de la Mirandola foi este, em embargo da sua formidavel capacidade de erudito. Em cada escola se deveria gravar isto: «Todos podem crear; quem se contenta com aprender, saber e fazer bem, falta ao primeiro dever do homem».

O ensino só é integral quando fórma a capacidade de converter em factos ou coisas, nossos pensamentos ou creações. Quem não age como pensa, pensa incompletamente. A maior belleza da vida está nas realizações.

Nossa missão no Brasil actual é produzir. O progresso mora no arado, no laboratorio, nas machinas e no cerebro humano, «a ultima, a mais sublimada, a consummada flor do desenvolvimento da natureza neste planeta».

O professor não pôde ser um phonographo, nem a escola de uma casa Odeon! repetir lições é pouco; precisamos pesquisar e fazer pesquisar, ser um elemento productivo. A energia nacional não pôde adormecer neste ron-ron: receber, decorar, recitar; é preciso assimilar e crear; o ensino é uma permuta-dar e receber: uma lição é sempre uma criação.

A civisza norte-americana «pilha», necessidade de avançar no mundo, só é cumprida pelo trabalho pessoal, que viriliza e nos subtrah o protectorado extranho. Podemos classificar as civilisações em masculinas e femininas, conforme se caracterisam pelo desenvolvimento integral e colectivo da energia ou pelo intellectualismo desperivo. Pobres dos povos que dormem em qualquer Capitólio, confiados em que os ganhos os despertem.

São fãulos tom o direito de exigir escolas perfeitas; nossa patria é creadora de scripções. O Brasil que o trabalho; o brasileiro não pôde ser um Tantalos nessa mesa de pomos de ouro, que é a nossa terra; a natureza é sempre a bella ardemida; á espera do Principe encantado.

O mundo é a esphynge; ou declinamos o seu enigma, ou a esphynge nos devora. Depositemos nos nervos e nos musculos da mocidade uma sôma de energia potencial que faz a immortalidade de um povo. A decréscida da esphynge está no trabalho titanico, na formidavel epopeia da acção pratica.

Para que serves? é a pergunta ansiosa da humanidade. No mundo não ha mais lugar para os inmundos. O dever maximo do homem é o dever da acção, diz Ribeiro Couto. Uma vida vicia é immoral...

O homem perfeito, continúa R. Couto, é aquelle que seu minuto sagrado com uma realisação triumphante. Cada creatura deve pagar á humanidade

o prazer de ter vivido um minuto no meio della. Bendito seja o que enuncia, e que constrõe cida-des, o que semea campos, o que cura enfermidades, o que faz um poema. Construir—é o verbo da hora presente.

O esforço é a vida; o valor do individuo se mede pela somma de esforço de que é capaz. Pôde-se dizer que não ha velhos nem moços; a vida não é uma extensáo, é intensidade, diz Assis Brasil; envehece-se mais pela inactividade que pelo trabalho. O trabalho é a lei da natureza: «Homo nascitur ad laborem». Viver é trabalhar; sem o trabalho não ha vida. Quem não trabalha—não é digno de viver; quem não trabalha está fora da lei, porque é incapaz da sociedade. Educar é desenvolver a capacidade para trabalhar; o direito á vida presuppõe o dever do trabalho.

Trabalhar com o corpo e trabalhar com o espirito. «O individuo que trabalha, diz Ruy Barbosa, accrea-se continuamente do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende tambem a delle. O creador começa, e a creatura acaba; a creação de si propria. Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor...»

A VIRTUDE CANONICA DO HABITO

Viver é habituar-se. Nossa vida é um feixe de habitos—práticos, emocionaes e intellectuaes—organizados systematicamente para a nossa felicidade ou desgraça e conduzindo-nos irresistivelmente ao nosso destino.

A educação real é o habito da acção: A formação intellectual (percepção, memoria, abstracção, raciocinio) é a acquisição de concepções e a acquisição de um feixe de habitos: observar com attenção, raciocinar com clareza e depressa, recordar com exactidão e o tempo, associar idéas, comparar, abstrahir e generalizar. As idéas devem ser principalmente o motor da actividade; devemos adquirir o habito de realizar as representações mentaes.

A formação moral é baseada na repetição de actos moraes, nos habitos bons e aperfeiçoadores; substituição das tendencias más pelas boas, endurecimento psychologico, peguamento progressivo. O caracter é uma vontade completamente educada, é o expoente dos habitos que adquirimos; assim como semeamos habitos nos musculos, nos nervos e no cerebro, diz Korrek, assim colhemos no campo da aptidão da habilidade e do caracter.

O espirito se habitua á acção e á inercia. A escola não deve favorecer a inactividade psychica, a estagnação de leitura, o sylvanismo passivo dos receptores de regras, leis e definições elaboradas, a significação de personalidade, a paralyisa da sciencia; deve formar sóes e não luas, radiosos astros de luz propria e não astros mortos de luz emprestada; deve dar o gesto pela acção e o prazer da actividade, e não todo o seu curativo de virtudes subdinas, desde o amor pelo trabalho á capacidade de iniciativa e desde a espontanea resolução da vontade á perseverança nos desgnios.

Só quem conhece a virtude canonica do habito, a fervida vitalidade das accões feitas, só quem se convence de que o somo é o fructo do que fizemos, de que o peso do passado esmagá o futuro, pôde avaliar os milagres do aprendizado activo, do aprendizado dynamico pelo trabalho — o mundo exterior transformando-se em idéas, as idéas transformando-se em movimento, e fechando a todo o momento o cyclo psychico — milagres produzindo o homem que a Terra quer, de pensamento e de accção, operário desse progresso que está na razão inversa da accção cognitiva do homem sobre o homem e na razão directa do homem sobre a natureza.

PARA O ESPIRITO EVOLUIR

1. Firmámos já o criterio educativo da escola: o aprendizado tem por fim principal a formação do espirito — mais do que ministrar conhecimentos, vale desenvolver a intelligencia, a sensibilidade e sobretudo a vontade. Precisamos dar aos alumnos hábitos de observação, de raciocínio, de accção; hábitos de espirito critico, hábitos estheticos e moraes, hábitos de trabalho intelligente applicaveis á produção economica, scientifica, esthetica e moral.

2. Mas o desenvolvimento das virtualidades mentaes só é possível mediante o exercicio adequado e frequente das aptidões do educando; o desenvolvimento da energia espiritual só se faz pelo trabalho pessoal de cada alumno, pelo aprendizado activo: é preciso que cada um se exercite a todo momento em perceber (propramente) a attenção, analysar, comparar), em raciocinar (observar, experimentar, comparar, generalisar — na indução; ter intuição e fazer hypotheses — na deducção); em imaginar, em admirar, em fazer o bem, em fazer esforços de vontade, em crear.

Apenas orientado pelo professor, cada alumno fará sozinho todas as lições, todos os exercicios, todas as experiencias; cada um observará, tirará definições, regras ou leis e applicar-as; o professor nunca explicará o que o alumno puder descobrir por si: o alumno se servirá dos conhecimentos á medida que for adquirindo.

A escola, prefácio da vida, vida mesmo, funda seu ensino na accção.

3. Num primeiro assumpto deve se exercitar as aptidões intellectuaes, motoras e sensitivas — por unidade na trindade pedagogica: cabeça, mão e coração; força theorica, pratica e poetica; saber, poder e querer; conhecer, agir e sentir; verdade, bem e bello; sciencia, vida e arte.

Nenhuma impressão se sua correspondente expressão. Todos os modos de expressões — mímicos, verbaes, manuaes — aclaram, completam, corrigem, fixam, fortificam e individualizam as idéas.

4. As tendencias instructivas da creança para jogar, manipular e construir, hão de tornar-se como base de todo ensino, de modo que o jogo, as occupações manuaes e agricolas, as pequenas industrias e artes e as experiencias directas com a natureza e vida social, precederem, motivam e acompanham a instrução formal, systematica.

Faca o alumno exercicios que respondam a seu instincto de constructividade e não seja um imitador servil, um copista intelligente, um mecanico sem alma, um automatô inconsciente.

Todas as materias devem ser aprendidas através dos trabalhos manuaes. É preciso dar a mão — ferramenta das ferramentas — muita capacidade, destreza, habilidade e jeito para fixar materialmente as concepções de um jovem cerebro sempre em actividade; fazer sentir e comprehender a beleza do trabalho em geral e o das mãos em particular, pois já Anaxagoras via na mão a superioridade do homem entre os animaes; formar o produtor de amanhã no trabalho, pelo trabalho, para o trabalho.

5. A educação social deve abrir horizontes a cada personalidade, estimulando todas as desigualdades individuaes, dando o mais livre desenvolvimento ás vocações, não descurando de nenhuma das aptidões e tendencias; a sociedade necessita de aptidões heterogeneas, pois são infinitas as funções a desempenhar.

A escola deve respeitar a individualidade da creança. Esta individualidade só pôde se desenvolver por uma disciplina que conduza á liberação das suas potenciaes spirituaes; a creança tem direito á liberdade de seu desenvolvimento physico e mental. Os estudos, a aprendizagem da vida, devem dar livre curso aos interesses imatos da creança, aos que despertam espontaneamente e acham sua expressão nas actividades variadas de ordem manual, intellectual, esthetica, social e outras.

Cada idade tem seu caracter proprio; a disciplina pessoal e a disciplina collectiva devem ser organizadas pelas creanças mesmas, com a collaboração dos mestres; devem tender a reforçar o sentimento das responsabilidades individuaes e sociais. Deve-se utilizar intelligentemente a espontaneidade sã e fecunda que, até á idade de entrar na escola, se manifesta tão abundantemente na creança. Que o alumno faça seus trabalhos com a maior independencia possível.

6. É necessario individualisar a educação até onde seja compativel com o ensino collectivo. Para isso:

a) Reduzir o numero de educandos de cada classe a uma quantidade que possa ser estudada e atendida collectiva e individualmente (24 a 32 alumnos nos três primeiros annos).

b) Fazer classes separadas para alumnos normaes, sub-normaes (mentalmente debéis, atrazados, repetentes falladores, etc.) e super-normaes (muito intelligentes).

c) Dividir cada classe em secções A, B, C e D, separando os alumnos, de modo que suas aptidões apresentem poucas divergencias em cada secção.

d) Conhecer a physionomia interior de cada alumno, seu modo de ser caracteristico; estudar os tipos mentaes: visuaes, auditivos, motores, imaginativos, repetidores reflexivos, logicos, estheticos, egoistas, altruistas euphoricos, bonachés, depressivos, voluntarios, abulicos.

e) Selecionar e medir os trabalhos, de modo que o horario, a quantidade de materia, a difficuldade, a orientação do ensino, se adaptem ás necessidades do tipo medio real e varios tipos concretos de cada classe e que cada alumno se exercite sufficientemente de accordo com suas aptidões.

O espirito, como o corpo, tem suas edades; é preciso respeitar seu desenvolvimento, deixal-o atravessar suas phases.

f) Respeitando-se os diversos tipos mentaes, até onde for conveniente, conseguir certo equilibrio ou harmonia prudente nas diversas aptidões dos educandos.

g) Dar a maior variedade ao ensino de um mesmo assumpto (mutando os processos, formas e meios de ensino) para que haja concentração e synergia mental e para que cada tipo de alumno possa exercitar-se segundo suas aptidões particulaes.

7. Deve-se dar ao ensino dos diferentes ramos bases naturaes, praticas, reais, no alcance das jovens intelligencias; a vida usual com suas diversidades, a officina com seus movimentos, o escripto-suppositivo, abstracções, erros queridos ou involuntarios.

8. A marcha do conhecimento deve ser inductiva: partir dos seres para as definições, dos factos para as regras, dos phenomenos para as leis, isto é, do particular para o geral; e depois deductiva: tendo as leis, regras e definições, mandar os alumnos dar exemplos, applical-os e comproval-os.

9. O aprendizado deve ser objectivo; deve-se partir do concreto para o abstracto. Cada lição deve objectos, modelos, estampas, desenhos, esboços graphicos, schemas. Rabelais concretizou o ensino com lições de cousas e as excursos escolares.

10. Provindo o conhecimento da percepção e do raciocínio, e compondo-se estes de analyses, o aprendizado tambem deve ser analytico: partir do todo para as partes...

11. Toda experiencia e conhecimento novos para serem aprendidos devem associar-se, combinição de experiencias e conhecimentos afins que possa o educando; deve-se partir do conhecido para o desconhecido e ter-se um proposito definido. O emprego das synopses habita á ordem, á logica, á unidade.

12. O aprendizado deve ser interessante. Bem pensar e bem agir é saber usar da attenção com intensidade sobre o que queremos pensar ou fazer. Ora, prestar attenção é antes de tudo interessar-se pelo que se faz e para o interesse é preciso ver como os instinctos se interessam pelo seus objectos. Portanto: não ha aprendizado sem attenção, nem attenção sem interesse. Aplicar um espirito a um estudo é applicar um instincto a seu objecto: o primeiro dever do educador é discernir quando este instincto está prompto para funcionar.

Em geral possui a creança quatro impulsos: o impulso social, e de conversação e de communicação; o constructivo, de fazer as cousas; o de investigação; e o artistico.

A attenção a principio deve ser espontanea ou derivada: o ensino deve ser atrahente, feito com objectos e com factos; aos poucos se instalará a attenção voluntaria com pequenos esforços progressivos.

13. O aprendizado deve ser consciente: quanto possível, tudo deve passar pela percepção e pelo raciocínio do alumno, e não decerado inconscientemente, feito mechanicamente. Entanto, ás vezes, só se pôde appellar para o ensino dogmatico, para o "magister dixit".

Ha três meios de se creança aprender: por si mesma, apenas guiada pelo mestre, redescobrendo a verdade; obtendo a verdade pela palavra de outrem; lendo bucal-a num livro. Os três meios ao envez de se excluírem, se completam, um conhecimento só é bem adquirido quando redescoberto por um esforço pessoal; mas para estimular o gair a vontade do alumno nada vale a palavra do mestre; esta, por sua vez, deve ser completada pela leitura paciente do livro, que amplia e permite depois a retenção.

14. Aprender é comprehender e não reter. Para isso: interessar o maior numero de actividades sensorias e perceptivas, porque a memoria de uma impressão complexa é tanto melhor quanto maior numero de memorias parciais concorre para fixal-a; fazer revisão da aula anterior; na mesma aula fazer recaptulções frequentes do que foi dito; fazer summaries e synopses.

De accordo com estas idéas damos um questionario para se fazer a critica de lições. Poderá servir para a pratica pedagogica nas escolas normaes ou para os inspectores escolares na inspecção dos grupos escolares.

CRITICA DE LIÇÕES

Thema:

Summary da lição ou Plano de aula:

1.	11.
2.	12.
3.	13.
4.	14.
5.	15.
6.	16.
7.	17.
8.	18.
9.	19.
10.	20.

1. **Aprendizado educativo:** A classe: a) observou? b) raciocinou? c) experimentou? d) comprou? (mostrou differença e semelhanças?) e) generalizal-a? f) deduziu? g) abstrahiu? h) analysou? i) agiu? j) procurou-o desenvolver? j) a attenção? k) a memoria? l) a imaginação? m) o senso estheticol-a? n) o senso moral? o) o espirito critico? p) os sentidos? q) a linguaem? r) a vontade?

4. **Sim:**

Não:

2. **Aprendizado occulto:** Empregou: a) seres? b) objectos? c) modulos? d) instrumentos? e) apparatus? f) mapas? g) cartazes? h) estampas?

i) desenhos? j) esboços? k) schemas? l) diagramas? m) imagens? n) empregou-os com oportunidade e suficientemente? o) deu primeiro o ser, depois a ideia e enfim o termo?

Sim:
Não:

3. **Aprendizado indutivo:** a) dos seres passou para as definições? b) dos factos para as regras? c) dos phenomenos para as leis?

Sim:
Não:

4. **Aprendizado deductivo:** a) fez exemplificações? b) fez applicações? c) verificações? d) de uma verdade geral tirou outra geral?

Sim:
Não:

5. **Aprendizado analytic:** a) partiu do todo para as partes? b) do conhecido para o desconhecido? c) houve analyses sufficientes? d) fez syntheses?

Sim:
Não:

6. **Aprendizado activo e individual:** Ca la alumno: a) e creveu? b) desenhou? c) mediu? d) deu exemplos? e) mostrou? f) investigou? g) inventou? h) tirou conclusões? i) descobriu as definições? j) induziu as regras e leis? k) teve iniciativa e liberdade? l) cada um se servia dos conhecimentos a medida que os adquiria? m) cada um tinha um exemplar do material e examinou-o bem? n) o professor deu alguma conclusão que devia ser dada pelos alumnos? o) a fórma foi expositiva? p) interrogava? q) ensinou a classe toda? r) uma secção? s) demorou-se o professor demasiadamente com um só alumno, esquecendo a classe? t) a classe esteve viva, animada?

Sim:
Não:

7. **Aprendizado atractivo:** Despertou e manteve a atenção espontanea: a) a classe viu objectos? b) agiu? c) palestrou? d) inventou? e) só ouviu? A atenção foi derivada: f) ligou a lição a alguma e v a conhecida, agradável? g) fez surpresa? h) a atenção foi imposta: h) por ordem? i) grito, rullo? j) campainha? k) cerraça?

Sim:
Não:

8. **Aprendizado consciente:** a) A noção nova foi adquirida pela percepção do alumno? b) pelo raciocinio do alumno? c) foi alguma parte só mnemónica? d) houve imposição de ideias? e) suggestão? f) a classe accitou tudo passivamente? g) apellou-se para o senso critico? h) o professor verificava por perguntas, a todo o momento, si o que dizia estava sendo comprehendido?

Sim:
Não:

9. **Aprendizado retentivo:** a) Interesson o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas? b) quaes? c) mandou repetir sufficientemente? d) recapitulou? e) fez resumo, synopse? f) fez re-

saltar as idéas principaes? g) fez que retivessem o necessario? h) memoriza a memoria? h) ensinou pelo erro?

Sim:
Não:

10. **Aprendizado associativo:** Associação perceptiva: a) ligou os conhecimentos novos aos anteriormente sabidos? b) recapitulo a lição anterior? c) houve variedade no ensino do mesmo assumpto? d) dentro dessa variedade, unidade? um proposito definido? e) houve um plano para executar-o? f) ordem logica? g) psychologica? h) chronologica? i) ecletica? j) fragmentada, desconexa? k) o professor divagou inutilmente? l) associou as idéas com os sentimentos?

Sim:
Não:

11. **Aprendizado hygienico:** a) o thema esteve de accordo com a média da intelligencia e da cultura da classe? b) limitou o assumpto para dar no tempo marcado pelo horario? c) houve muitas difficuldades de uma só vez? d) houve fadiga? e) assia illuminaca? f) posição incommoda? g) o material hygienico? h) o modo de empregal-o, de accordo com a hygienia pedagogica?

Sim:
Não:

12. **Aprendizado esthetic:** *Sala:* a) limpeza? b) flores? c) quadros? d) enfeites? e) figuras horribes? f) applicada de mappaes? *Material:* g) bello? h) distribuido e collecta rapidas e elegantes? *Casse:* i) posição esthetica? j) lisse amontada? k) calliphasia? l) urbanidade? m) limpeza? n) correção no aspecto? *Professor:* o) traje, penteado, etc. estheticos? p) maneiras dignas, cultas, sympathicas? q) alegre, communicativo? r) boa pronuncia? s) voz clara e alta que todos ouvissem? t) clareza, pureza, propriedade das palavras? u) singelza, naturalidade? v) erros de morphologia? x) de syntaxe? y) muito verboso? falou depressa? z) esteve impaciente, gritou?

Sim:
Não:

13. **Disciplina:** a) Esteve toda a classe sempre occupada? b) o professor dominou a classe com o olhar? c) fixava um alumno quando o interrogava? d) mostrou ter vista e ouvido exercitados em perceber rapidamente os excessos e as faltas dos alumnos? Houve por parte da classe: e) silencio? f) compostura? g) sympathia? h) desordem? i) houve castigos? j) premio? qual?

Sim:
Não:

14. **Perguntas e respostas:** a) Fez perguntas collectivas? b) individuais? c) chamou significadamente? d) pergunou de preferencia aos timidos e menos attentos? e) na pergunta deu a resposta? f) começou a resposta? g) repetiu a pergunta? h) repetiu a resposta do alumno? i) accitou qualquer resposta?

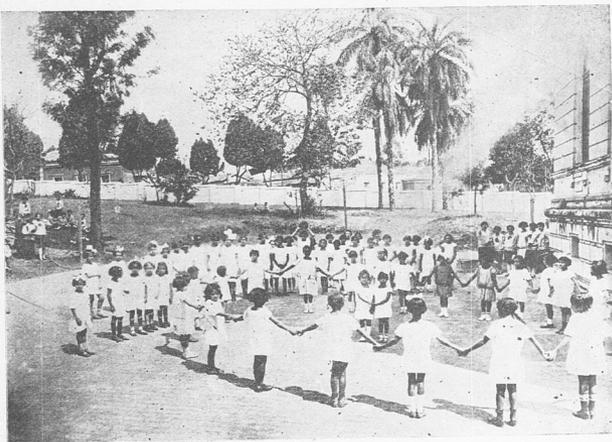
Sim:
Não:

15. **Resultados:** Os alumnos: a) aproveitaram a lição? b) ficaram com curiosidade para fazer depois estudo proprio? c) tiveram emoção? qual? O professor: d) revelou dominar o assumpto e o modo de tratal-o? e) revelou adiantamento? f) sendo "professor — a pessoa generosa, que sente amor pela infancia, enthusiasmo, pelo ensino e sabe o que

vae ensinar, como deve ensinar, e a quem deve ensinar", mostrou-o praticante vocação para o professorado?

Sim:
Não:
Nota:

José Ribeiro Escobar



Alumnas em recreio, das escolas primarias annexas á Escola Normal Modelo.

A EDUCAÇÃO DOS ANORMAES

E' interessante apreciar os resultados colhidos com a educação dos anormaes.

Em um recente congresso sobre instrução publica reunido na Sorbonne, este momento assumpto foi ventilado, manifestando-se sobre elle a opinião variosa dos educadores.

A escola para os anormaes foi creada por lei em 1909, fixando-se então as regras de admissoão impostas ao pessoal docente e discente. Essas escolas só podem ser fundadas a pedido das communas e dos departamentos.

Uma estatística feita em 1924, abrangendo 1136 alumnos anormaes que sahiram das classes de aperfeiçoamento, mostrou que mais de 77 % se achavam

em condições de ganhar completamente a vida e 9 % podiam fazel-o parcialmente.

Infortunadamente é insignificante o numero dessas escolas, pois dos 40.000 anormaes educaveis existentes em França, cerca da metade se acha privada da organização que poderia integral-a na sociedade. Neste particular a Alsacia se acha na vanguarda, pois que nella o numero dos anormaes educados é superior ao dos admittidos nas classes de aperfeiçoamento de todo o resto da França.

O recrutamento é irregular e defeitoso e muitas vezes se enviam para as escolas m-ninos que, por qualquer motivo, não puderam seguir o ensino ordinario, e as classes se enchem então de surdos, cegos e até de doentes que estariam melhor em um sanatorio ou em um preventivoiro.

Deve-se, pois, começar por fazer com melhor critério a admissão dos anormais, enviando os cegos e os surdos-mudos para as respectivas escolas, e ao mesmo tempo hospitais para os doentes.

Conviém, para melhor applicação da lei, que os directores e as directoras das escolas ordinarias indicassem ao inspector primario toda creanga que não aproveitasse o ensino regularmente ministrado depois de dois annos de estudos.

E' absolutamente indispensavel introduzir nas commissões encarregadas de decidir da admissão dos anormais, medicos psychiatras além de mestres que possuam certificado de aptidão ao ensino dos anormais.

Eis porque o Congresso solicitou uma collaboração amigavel de professores e medicos, pois em problema dessa natureza a applicação pedagogica não são meios indispensaveis que a sciencia medica.

O pessoal incumbido da educação dos anormais assume uma tarefa ao mesmo tempo ingrata e relevante, sendo do lamentar que se lhe não concedam as compensações a que faz jus.

Conven acrescentar que o ensino dos anormais deve ser concreto para produzir resultados apreciaveis, e, por isto, a installação da escola é dispendiosa.

O Congresso far votos para que todas as escolas desse genero, escolas de anormais, de surdos-mudos e de cegos, fiquem reunidas sob a autoridade unica do ministro da instrução publica e submettidas, como as ordinarias, ás leis que regem o ensino publico, principalmente quanto á gratuidade e obrigatoriedade.

André Buz, • Manual General de l'Instruction Primaire, n. 23 de 1925 (Resumo).

O ENSINO PELO CINEMA

(Resumo)

Objeções de principio e problemas essenciaes. (Traduzido pela aluna do 4.º anno Elia Penna)

Alguns bons espiritos recusam conceder ao cinema o direito de cidadania na cidade das escolas. E' certo que o cinema encanta as creanças, conduzindo-as atravez de todos os paizes da terra onde lhes desdobra espectaculos maravilhosos; a tela entranca o espirito infantil de imagens vivas e zep' para a emoção, até nas almas inertes e insensíveis á mais ardente palavra. Mas, dizem elles, são inqualitades estas virtudes, comparaveis ás aquellas qualidades brilhantes pelas quaes se impõem, á admiração da sociedade, homens a quem recusamos a nossa estima. O cinema, segundo os auctores referidos, é, ás vezes, contrario ao verdadeiro progresso dos estudos na escola primaria.

O verdadeiro progresso consiste no desenvolvimento das facultades de analyse e da aptidão para formar ideas; ora, a projecção animada conduz a creança até ao delirio, ao turbilhão das imagens e das sensações, e arreasta-a vertiginosamente para a estrada opposta áquella para onde queremos levá-la.

Diz-se a mesma coisa sob outra forma, quando se accusa o cinema de despertar o espirito e desviar a attenção da creança e paralisar na classe a acção do mestre.

Conven observar, entretanto, que o cinema constitue um auxilium valioso para proteger nas escolas o ensino contra o verbalismo e que, ao lado da illustração dos manuaes, quadros de toda natureza, collecções de museu escolar, compendios, excursos, serve para pôr a creança directamente em contacto com a realidade. O que importa é tomar precauções, contra sua fecundidade prodigiosa que lança nas classes as imagens em profusão e de grande difficuldade de fazer uma escolha judicious das materias que elle fornece.

A arte pedagogica precisa indicar o momento opportuno em que se deve utilizar a projecção do film. Esta pode ser feita no principio ou no fim da lição, ou mesmo seguir passo a passo seu desenvolvimento. Pode ser desenvolvida de uma vez ou por fragmentos mais ou menos importantes.

Estabelecem-se varios typos de lição: cada um com suas vantagens e suas difficuldades, que precisam ser indicadas com precisão.

Theoricamente, o typo mais perfeito parece ser aquelle que comprehende intimamente, do começo ao fim do exercicio, a lição e a projecção, o film tendo sido composto para uma lição precisa e o desenvolvimento desta se dirigindo inteiramente sobre o film; este typo poderia chamar-se lição filmada.

Na pratica, porém, para a actualidade pouco menos, só raramente se pode adoptar-o.

O numero de films pedagogicos como os da collecção Gaumont-Hachette, é ainda pouco numeroso; a totalidade dos films ditos documentarios que se dispõe é feita de partes de valor e de duração variada; essas partes não impressionarão da mesma maneira creanças de edades diferentes; explicações e projecção não estarão ali na mesma relação.

A natureza do ensino impõe tambem suas particularidades. E' claro que uma lição de geographia não pode seguir passo a passo o desenvolvimento do film, diante da objectiva do apparelho de apparear vistas, tudo se torna confuso, factos de geographia, de hydrographia, factos economicos; e a paysage contem de tudo e a projecção a reproduzir inteiramente num só rio de luz; ora, o uso dos factos e expostos successivamente. Pelo contrario o film de sciencias pode muito facilmente submeter-se ás necessidades do ensino. Explicações e projecção estarão pois dispostas de modo harmonico nas lições de geographia e sciencia. Deve-se ainda distinguir um typo proprio para a lição de revisão, um outro para a sessão meio-creativa de sablido, que transporta as creanças aos paizes maravilhosos e um outro para a conversação, etc. E preciso fixar todos estes typos.

O. Ergolet (Manual General de l'Instruction Primaire) 18 de Abril de 1925.

IDÉAS GERAES SOBRE O ENSINO PRIMARIO EM NOSSA TERRA

I.º CONFERENCIA

Exmo. sr. Presidente do Estado—DD. Secretario do Interior — DD. dr. Chefe de Policia — DD. dr. Director da Instrução Publica—Minhas senhoras — Meus senhores.

Pisando o solo mineiro não chega em terra estranha a neta de um illustre conterraneo vosso que soube sempre amar a sua terra como um filho e serviu como honrado cidadão, o dr. Estevo Ribeiro de Rezende, Marquez de Valença. E' pois com viva emoção que sinto pulsar em meu peito a parte mineira do meu sangue, e reunindo a Mimos, S. Paulo, meu bello torro natal, Rio de Janeiro e Bahia, que aos 4 Estados pertencem pelos lagos mais estreitos de familia, reunindo esse grupo valoroso que representa como o grande coração da nossa Patria, pelo presente e pelo futuro, é o Brasil inteiro que sinto vibrar dentro d'alma enchendo-a de justo orgulho e de immenso amor...

Apresentei-me com o passado na pessoa do meu grande avô... representamos nós, Senhores, o presente, presente tão cheio de angustias e de incertezas, que affligem a humanidade inteira, e são essas angustias e essas incertezas que nos devem levar o espirito a cogitar o futuro da nossa Patria, os nossos meninos, os nossos filhos...

Por mais sombrio, porém, que pelo mundo appareça o quadro da sociedade, por mais temerosas que sejam as heresias occorridoras, por mais arrogantes que sejam os progressos da immoralidade mental, enquanto a vemos homens que se preoccupam com as escolas não nos deve acubrunhar a desesperança de melhores dias, não nos deve desfalecer o animo de ver surgir uma nova seara na vida tão perturbada da nossa Patria. E esta vida mineira, terra que represento sempre tão generosos ideas, esta terra mineira senti durante a benemerita administração do sr. dr. Arthur Barboza e glorioso impulso manifestado em todas as necessidades do Estado e na Instrução Publica muito especialmente, graças ao seu claro discernimento e seu dedicado e eficaz desvelo pelas escolas... esta garf da bella intelligencia e espirito empreendedor de um grande morto, sr. dr. Raul Soares... esta terra mineira ouviu ha pouco a voz cheia de idealismo do seu illustre presidente confesando a creança e proclamando um ideal... incitando a cidadania a attender ao brado que repercutiu pelo mundo a supplicar concordia... reclamando o apoio dos grandes e dos pequenos, do Parlamento e da Escola, do Egrejo e do Lar... convidando a Patria Inteira a empreender a sua Cruzada da Paz... Esta terra mineira teve auxiliares preciosos nas pessoas do sr. Secretario do Interior, dr. Sandoval de Azevedo e do sr. Director da Instrução Publica, dr. Luiz José dos Santos, para a execução desses generosos planos... O nosso applauso...

De duas partes se deverá compôr este meu pequeno trabalho: o cidadão pelo caracter, a seducção para o estudo.

Desde os primeiros annos escolares exigimos dos meninos muitas materias, mas em geral não se lhes prepara a mente e a coração, e como solucão unica, a chave milagrosa, suprema e singular, capaz de abrir nos corações o amor á ordem, á disciplina, á autoridade:

O CRUCIFIXO

De duas partes se deverá compôr este meu pequeno trabalho: o cidadão pelo caracter, a seducção para o estudo.

Desde os primeiros annos escolares exigimos dos meninos muitas materias, mas em geral não se lhes prepara a mente e a coração, e como solucão unica, a chave milagrosa, suprema e singular, capaz de abrir nos corações o amor á ordem, á disciplina, á autoridade:

felicidade... não se lhes doutrina a lei única, que nos fará cumprir todas as leis dos homens, e, quando algum estudo colima este fim não pôde ter exito completo pela prohibição de se tocar, nas escolas, em assumpto religioso.

Exalta-se o patriotismo, entoam-se canicos patrios, os grandes feridos nacionais são acompanhados de festas e conferencias publicas, mas uma base falsa serve de alicerce á projectada granjeza, pois antes de formar o bom patriota é preciso formar o bom filho, o bom alumno, o bom estudante, o bom cidadão. E assim, como fructo natural, se poderá obter o bom cidadão.

A ideia fundamental dos sistemas modernamente adoptados, dos novos sistemas abraçados é que a creança não pôde aceitar de outro ceto a educação... o que não aprender por si não aprenderá nunca...

A pedagogia moderna não impõe a disciplina collectiva... exige a disciplina interior... Terá valor esta pedagogia de individualismo, *sem Deus?* Que methodo, que doutrina, que systema melhor trabalha pelo aperfeiçoamento individual do que a doutrina catholica? Não serão cheios de surpresas esta moral e estes sistemas novos? Emquanto a Igreja Catholica estreita os laços da familia e da nacionalidade, põe freio ao orgulho e condemna a vaidade de julgar o homem valer muito por si, sem uma força superior que o auxilie e guie, a moral leiga da pedagogia moderna não será um factor de desagregação?

Meus Senhores, não julgueis mal a vossa patria... permiti que eu vos dê, com franqueza, as impressões colhidas por minhas observações pessoais... São tantas as intelligencias superiores que abram, com enthusiasmo, esses methodos novos, realmente apresentados, por vezes, numa sedução immensa, que eu poderia, dissimuladamente, tocar no assumpto deixando-me parecer aos vossos olhos espirito á fantasia, espirito evolutivo, conhecedor das grandiosidades modernas... mas não conheço, meus Senhores, escolas estrangeiras... não lhes conheço portanto os resultados favoráveis... conheço o que possueis e cogito do que necessitamos... e seria trahir a minha consciencia e atrair a vossa confiança não vos dar a minha ideia, sem diffidenc...

Condemnem-me... defendam a ideia moderna outros de melhor preparo... mas *com equal sinceridade*... Talvez esteja eu muito atrevida... serão talvez, por demais avelhantadas as minhas opinioes... talvez a minha intelligencia não se tenha podido ainda abrir á evidencia do progresso e das vantagens deste systema de liberdade, systema do aguilhão do individualismo, systema do quasi endurecimento do homem desde o berço... mas penso que deveriamos estudar a questáo até o intimo observando bem até onde se casa com o temor de Deus...

... ou, meu ver, Senhores, o individualismo exagerado ao envéz de estimular para o bem gera o egoismo, e esse individualismo que resulta em orgulho, em amor proprio e negação da autoridade são viciosivos para a familia e para a sociedade. E' a moralidade na familia e na sociedade que nos

apresenta hoje o mundo? E' a belleza moral, individual, que sobressa nos paizes onde vigoram esses systemas? Que terras encontramos servindo de modelo para o povo? O que nos apresenta o mundo de hoje? Quaes as vantagens que decorrem para a sociedade, dessas liberdades excessivas tão apregoadas... liberdade de julgar, liberdade de interpretar... liberdade de agir?... A philosophia da liberdade, a philosophia dos direitos do homem hoje introduzida, acatada, elogiada... (estarei talvez cahindo em muitos conceitos mostrando-me avessa a ella), essa philosophia de liberdade individual que querem ver concedida desde a infancia, (sem prejudicar todavia á liberdade do proximo), não prejudicará de facto a esse mesmo proximo? Onde está a civildade na infancia e no povo em geral? Onde a fiatura do trato? Onde as maneiras distintas? Onde o respeito aos mais velhos á lei? Onde se encontra hoje a disciplina meus Senhores?

O passado é repudiado... porque? não eram prestimtos os nossos homems do passado? Seráo os de hoje os modôes? Não eram dignas de tratamento as matronas de antigamente? a mulher de hoje é que dá mostras de progresso? Os filhos de hoje desatentos e viciosos, tantos, são superiores aos filhos respeitôses de antanho? A prohibida domina hoje pelo mundo?

... Mas então que beneficos trouxeram á humanidade essas philosophias? As liberdades levadas ao excesso não vêm destruindo a familia? E destruida a familia que será da sociedade?...

A doutrina moderna condemna o despotismo... mas quem o quer introduzir? Respeito, meus senhores, não é despotismo... O despotismo gera a rebelião mas o respeito gera a ordem. A nossa geração nova, meus Senhores, nada mais sabe respitar...

... Como perverte os incautos essa religião da humanidade a chamar contra o que chama o perigo do abuso da tyrania intellectual e moral... como os percebemos nós o ponto que querem atingir, a força que pretendem destruir...

É estúpida a pretensão do estudo sem Deus... é estúpida porque sciencia estribada em hypothesees esbarra cada passo com o que se pretende... Pode aceitar o sciencia o principio da evolução, mas não negará que alguma coisa foi creada susceptivel de evoluir e rebelando-se atheus e materialistas, chefes e pregadores de todas as heresias contra os nossos mysterios, caem fatalmente na colossal contradicção de aceitar mysterio mas insondavel ainda admitindo a existência de uma coisa creada sem creador. Havendo um Creador ha a creatura, havendo a creatura ha a sujeição ao Creador... havendo a sujeição ha a autoridade.

Vejo hoje em dia em todo o que nos cerca a rebelião contra a lei, o grito de guerra contra a disciplina e essa revolta geral nota-se desde os bancos da escola.

A meninada não se amolda á disciplina e por isso vemos internatos fechando as portas, porque os alumnos conformam-se ainda com a prisão do dia, mas querem a liberdade para a noite. Mas que homens se-

rão esses que se preparam para o futuro? Que disciplina conhecêro para com as leis superiores e para com seus proprios deveres se desde a infancia a resignam... desde os primeiros annos aprendem a desrespeitar?

É imprevidivel formar, hoje em dia, a corrente que, mais do que o estudo, cuida da formacão do caracter dos nossos meninos. Se não brilha na sociedade o justico, pelo menos não lhe causa dano, enquanto é nocivo e perigoso para a mesma sociedade o individuo instruido e sem sentimento claro da moral.

Nossos meninos não conhecem nem o sentimento da ordem, nem da honra, nem do dever...

É preciso, é urgente, que seja ouvido o conselho das mães, que se faça acatada a autoridade paterna, que se forme efectiva a palavra do mestre. O Brasil precisa de homems e só o lar e a escola os poderá formar.

Senhores paes, acordae em vossa alma o gravissimo dever que vos incumbe. Os mais filhos serão fructos da educação amoliceida, fracos, dolorosamente indolente, que não lhes ensina como se cumpre um dever.

Senhores Dirigentes, não permittas que occupem as cathedras das escolas falsos prophetas a quem possam um dia saudar os alumnos, ao terminar o curso, como saudavam outrora a Cezar os gladiadores romanos: "Ave Cesar moriturus te salutant" Ave Cesar, saudam-te os que vão morrer.

Ave Mestres saudam-vos os que vão agonisar no fogo das paixões ateadas pelas vossas doutrinas deletérias. Saudam-vos os que deixando os bancos da escola levam dentro d'alma, heresias que semeates, na descrença que nella implantastes, o veneno que os levará á morte.

Assim se exprime Ruy Barbosa na sua bellissima "Oração aos Moços" falando da Confagração Mundial:

"Por derradeiro, amigos de minh'alma, por derradeiro a ultima, a melhor lição da minha educação. De quanto no mundo tenho visto, o resultado se abraça nestas cinco palavras: Não ha justiça, onde não haja Deus.

Querereis que vós o demonstrasse? Mas seria perder tempo, se já não encontrastes a demonstração no espectáculo actual da terra, na catastrophe da humanidade. O genero humano afundou-se na materia, e no oceano violento da materia fluctuam hoje, se destrôcos da civilisacão mais destruida. Esse fatal exito está clamando por Deus. Quando elle tornar á nós, as nações abandonarão a guerra, e a paz, então, assomará entre ellas, a paz das leis e da justiça, que o mundo ainda não tem, porque ainda não creô."

E o que vemos hoje? Calaram-se os canhões, voltaram as espadas para as suas bainhas, mas os meninos não vemos a paz, porque ao Tratado de Paz não presidiu o Principe da Paz!... Não voltou a paz porque o mundo não quer abrir, á luz, os olhos cerrados pela cubica e pelas ansias de gozo, pelo orgulho e pelas vaidades. Não voltou a paz ao mundo porque o mundo não quer Deus, que lhe

impõe o codigo o mais claro, o mais acabado, o mais complexo, o mais conciso de que se tenha idea para reger a humanidade toda, os *Dez Mandamentos*, colige sublime, mas que incomoda ao mundo corrupto porque lhe corta as azas do desvario.

Não foram os motivos geralmente apresentados que desencadearam a Guerra Européa; o que desencadeou a Guerra foi a escola sem Deus. Foi a expulsão de Deus da escola e da familia, das institucôes particulares e do Estado que solapou toda a ordem social.

Formaram-se homems sem Deus nem lei, cresceram as competiçôes e o orgulho, fervilharam os odios, e a Guerra explodiu. Expulso pela porta o Deus da bondade, entrou pela janella o Deus da justiça.

Só a Igreja pôde fazer voltar o equilibrio á sociedade. Só a Igreja pôde fazer voltar ao mundo a paz.

Cumprir reunir toda a nossa intelligencia, toda a nossa boa vontade, Senhores Professores, Senhores Mentores do paiz, para que não falem filhos no nosso Brasil. Cumpre remediar ao mal que nos pôde levar á ruina porquanto uma patria sem filhos será arrastada ao amiguilamento e não lhe serão filhos os rebentos indignos que a não saberão servir.

Não ha quem desconheça a phrase de Victor Hugo: "o cathecismo é o mais perfeito tratado de pedagogia." Deveriam ser condemnados á prisão todos os paes que mandassem seus filhos para escolas onde não se ensina religião."

E Ruy Barbosa diz ainda: "Oração e trabalho são os recursos mais poderôses na creação moral do homem. A oração é o intimo sublimar-se d'alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o intimo, o desenvolver, o apurar das faculdades do corpo e do espirito mediante a accão continua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos."

Já era o simples lemma de D. Bosco: "Ora e labora!"

Sciencia e moral não se podem apartar, meus Senhores... não pôde caminhar a primeira sem a segunda e não ha moral sem Deus.

Este o ponto primeiro do meu trabalho, ponto de resoluçáo facilissima, afogar o ruinoso materialismo, fazer voltar Deus para as escolas. Para bem formar o caracter do nosso povo, para alcançar a disciplina particular e collectiva, para reavivar o sentimento da honestidade, para conseguir a moralidade do homem, para conseguir a paz, para conseguir a escola sejam presididos pelo Divino Crucificado.

Senhores, é preciso acordar em nossa terra a moral amoliceida... é preciso despertar o civismo somnolento... é preciso succeder a energia á impotencia, é preciso alargar a indifferença da nossa mocidade... é preciso levantar-lhe o caracter embaciado... É preciso, Senhores, ensinar aos nossos meninos a zelar pelo seu nome, pelo nome honrado de seus paes... quem tem um nome a zelar não o atrá facilmente á lama... Um nome é uma herança ritualmente se deixa a um filho... É preciso estimular

a probidade desprezada... é preciso desortinar um ideal... é preciso agitar o amor pelo estudo e por tudo quanto é nobre, e belo, e saú, e levanta o homem aos seus próprios olhos... É preciso apontar aos nossos meninos, em horizontes de luz, a consciencia, a honra, a dignidade, o saber, o dondo e o heroismo... a nam tudo isso torna-se urgente fazer a creanga amiga de Deus e amiga do livro, temente a Deus e temente aos paes e aos mestres, obediente á lei de Deus e á lei do governo constituído. Aceitamos todo o progresso, sem que elle nos desvirtue, porém, o coração...

Á luz pela cruz, meus S.hores! e estará resolvida a maior parte do problema!

Ponto 2. — O Estudo — Meus Senhores, não estou aqui a vos impôr ideias... vol-as offereço affim de serem melhoras, discutidas ou reprovadas ou errouneas... Da discussao nasce a luz... Assim peço-vos, para que algum fructo se colha do meu trabalho que annoeis as objecções todas que vos suggerirem as minhas palavras para se tornarem assumptos de futuros estudos da parte dos entendidos na materia.

E' ainda Ruy Barbosa quem affirma, em sua alta capacidade o que, aliás, tanto se tem repetido:

«Mas do seculo XVI ao seculo XX, o que as sciencias cresceram é incomensuravel. Sobre os mestres, os sabios e os estudantes de agora pesam montanhas e montanhas mais de questões, problemas e estudos que quantos, ha tres ou quatro seculos, se abrangiam no saber humano.»

É estas montanhas de estudos a que se refere Ruy Barbosa dirigindo-se ás Escolas superiores, essas montanhas tambem se reflectem nos cursos primarios. E o crescimento dos programas de estudo com equal crescimento da cesmar ao livro eaz um desestímulo a que precisamos, sem desaliciamentos attender, a nossa juventude não ama o estudo... Estuda com um fim utilitario... estuda para conseguir, pelo estudo, ganhar a vida... não tem como ideal illustrar o espirito. Em muitas das nossas escolas não dão conta todas as creanças são menos a impressão de pos-arinhos que cantam do que de avesinhas engaioladas... Não correm ao estudo como quem busca a felicidade... suspiram pelo fim do curso... De facto a escola deve preparar para a vida da vida mas não é conveniente, a meu ver, dar á escola, acima do valor moral, educativo e social, a vantagem do lucro material... Mandam os paes muitas vezes os filhos para a escola para serem futuros professores tendo pelo seu curso o legar garantido... Mas a maior vantagem para desenvolverem a intelligencia, para aprenderem a ser bons cidadãos, para serem grandes, para bem servir a Patria... Sonho idealista, talvez... mas seria bom a mi fazer voltar, ao mundo materializado, um pouco do idealismo...

«Sem amor e sem ideal nada se faz de grande... E' preciso que os meninos amem o estudo para sabermem a elle se dedicar... e para que exista o amor é preciso tornar agradável o que deve ser amado... Vamos facilitar o estudo... vamos rolar-o de um encanto magico...»

... Não nos illudamos... os compendios, repositórios de muita sciencia, fructo do muito trabalho e cuidadosa reflexão, os compendios difficilmente serão manuseados com prazer pela nossa mocidade irrequieta e voluvel... E' preciso fazer voltar o equilibrio no mundo juvenil para então poder exorcizá-lo de algum esforço...

O nosso estudante em geral tem pouca persistencia, tem diminuta coragem... os attractivos das diversos, dos sports, dos cinemas muito mais lhes aprezem do que as linhas, que acham monotonas, dos compendios... Por outro lado a nossa mocidade não é robusta e o espirito, a intelligencia e a energia não podem ser robustos num corpo frazino. Não podemos enfiar-lhes a creanga sem attender tambem ao mestre... Os nossos professores e especialmente as nossas professoras se resentem do mesmo mal, devido, em grande parte, ao nosso clima depauperante, e poucos se preoccupam em lhes minorar os tropecos... E' preciso procurar a ehaça e lhe dar remedio... A professora de primeiras letras é muitas vezes mal considerada... entretanto cabe-lhe o maior quinhão de responsabilidade na questão tão séria da instrucção popular... Professora ha que nem conducção tem para chegar ás suas escolas... da estação mais proxima de escolas rurales tem que caminhar por ellas estradas poeirexas sob um sol escaldante e pelas lamaças debaixo de chuva inclemente descendo forças, que poderiam ser mais bem aproveitadas, não só pelo pequeno numero de alumnos a que ella vai attender como frequentemente pela superioridade do seu preparo mais util em meio mais precioso.

E para que cansar tanto as nossas professoras em desenvolver sempre novidades para, distrabi-las, instruir os seus alumnos, o que lhes tira o pouco tempo que lhes sobra do estudo e para a sua vida de familia, quando tanta coisa pratica já existe que poderiamos aproveitar?... Cuidase muito do creangão, do desenvolvimento de seu corpo e do seu espirito, do seu bem estar, da sua felicidade, e fazemos bem... as creangas... mas as professoras não são tambem nossas filhas as professoras? digo ás professoras porque mais entre mais femininas está o professorado. E quem cogita de aliviar-lhe a tarefa? Quem sabe quantas mães-lhes ou futuras mães não estarão prejudicando a saude dedicando-se ao professorado?

As difficuldades que encontram os professores cansam-lhes, abatem-lhes o espirito limitando-lhes a capacidade de accão, grandem-lhes tambem a algria do trabalho... As longas horas de aulas em certas escolas sempre de pé, a obrigação de falar dentro a aula inteira, o numero por vezes demasiadamente avultado de alumnos, minus-lhes a saude, arruina-lhes a gungana, e não encontram elles muitas vezes, no successo de seus alumnos, recompensa para tudo esforcada labuta... Fátigase o professor em falar frequentemente a uma aula de desattentos e tambem pôde se dar o facto de o alumno se cansar, entusiar-se de prender a attenção num assumpto arido, ou diffiçil, ou confuso...

Não sei... não terei talvez capacidade para jul-

gar... mas parece-me que os nossos programas têm muita sciencia, porém, não tanta eficiencia... Esforçamos muitos dos nossos Directores da Instrucção Publica, homens de preparo, homens de valor, mas geralmente, uma difficuldade se prende a outra difficuldade e os compellidos de ordem superior lhes atam frequentemente as mãos...

Mais uma vez, nos meus trabalhos, não é em livros que vou procurar soluções para as questões nossas... procuro estudar no meu proprio raciocinio as nossas difficuldades tratando de desenvolver soluções compatíveis com o nosso meio, com as nossas inclinações e nossos recursos.

O ensino moderno que o estudo vivo... é a occasião que apresenta o thema do dia... mas nós aqui não chegamos ainda a um grau de cultura compativel com esse methode, muito intelligente, é evidente, mas muito elevado e carecendo de um professorado muito especial que não posuimos ainda... Entretanto, sem uma reforma radical, perderiamos a optar muito progresso, modernizando o que já temos de feito... Com o auxilio de um material evolvor grande é bem escolhido, seguindo um curso já delineado, ainda sobriam os professores dar muito do seu, animando o material que tivesse nas mãos, infundindo, em seus aulas, sua orientaçao, sua clareza, seu entusiasmo...

Em muitas escolas da Europa o professor estimula o alumno a concerer com a sua ideia, com as curiosidades, que traz para o interesse da classe inteira... são os proprios alumnos que se habitua, desde cedo, a tomar a responsabilidade da ordem em suas classes... Está se vendo desde logo que é um sistema para um meio mais elevado que o nosso... ainda não é para nós... Poder-se-á iniciar alguma coisa em pequenas escolas, em escolas particulares mas nunca em escolas publicas em que é necessario attender á maioria...

Comprehende-se o systema na Suissa, por exemplo... a Suissa é um paiz velho... a instrucção fez nã o seu qrdel general... a creança corre ao chato e rapazes, pela sede de saber, o a familia concorre para o estudo e para os jogos, e sente-se feliz em poder entregar os filhos ao professor que lhes orienta a instrucção... Por exemplo, nas escolas e laboratorios será possible para uma ou outra escola particular, porém não é praticavel para as escolas publicas...

Penso que estamos ainda muito atrazados para ventilar questões que não podem ainda ser postas em pratica e a meu ver é isso, em grande parte, que nos prejudica. Levantamos os olhos tão alto, tanto alto, vamos sonhar com tantas perfeições, que encontramos difficuldades insuperáveis, e é visto disso não fazemos o que está no nosso alcance... desanimamos, e não nos armos para enfrental-as, amanhã, já com melhor preparo e mais segurançã de exito...

E vou tocando nos diversos pontos, que se me apresentam ao espirito, Senhores, acrelíte, no intuito unico de ser util ao meu paiz. Não sendo pro-

fessora nem com o professorado querendo competir, desejo que veja elle em mim apenas uma alliada cheia de sympathya.

Cumpro achar um meio de suaduzir para as escolas publicas a colleccoes particulares as ondas de creanças nossas... Cumpro atirar-se-lhe em proffusão a boa semente para que não fique senão lugar escasso ao joio... Cumpro atapezar-se-lhe do flores o caminho que «lhes devotou trilhar com satisficção... flores do bom para que algum dia a lembrança do seu perfume sirva de consolo e amparo para os espinhos que deverão surgir...

Cumpro estudar um meio para chegar a esse fim... Mas onde se encontrará o filtro magico?... Num invento que não é uma novidade para a patria. Numa invenção que já tem sido tentada particularmente sem conseguir se impôr pela falta de apoio material...

No c nematographo lutez... Curar o mal pelo proprio mal, applicar em nossos programas o principio homeopathico... Não podemos allegar o cinema, envolto na mais perniciosa seducção, se implantou como um soberano em nossa terra, não podemos garrotear o cinema, que tem em cada individuo, por assim dizer, entre nós, um ferrososo animador... tomemo-lo então como aliado e fagimol-o compensar em bens o que nos tem feito de mal... Aproveitemos o cinema que, em nossa Patria, tanta sciencia má tem cercamdo pela sociedade, que tanto ensinamento depravado tem espalhado á infancia, aproveitemos o cinema como elemento de primeira ordem para a diffusão do ensino... tomemos como amigo o cinema que já pôs quasi geralmente incho, inutilizo, provelorido, tomemo-lo como meio de um effiçie de regeneraçao...

Não se cogita aqui de um cinema de lucta e de propaganda contra as empresas existentes... Trata-se simplesmente do cinema escolar geralmente desprezado por l'osso, por sensoboroso, pelas empresas cinematographicas... trata-se tão somente de um cinema livre aberto sem os pannoos quotas das fitas comicas, para fazer engulir as fitas sérias...

E' tempo de se dar um golpe mortal nos programas tidos e incoloros... O momento é de muita gravidade e com muita gravidade deve ser encarado o problema escolar... Não é um cinema para fazer rir, é um cinema para fazer pensar... Estudese com alegria e não com dissipaçao...

Não vai tão pouco o cinema fazer guerra ao mestre... ou usurpar-lhe o logar... vai ser-lhe aliado e auxilio... preciso, vai aliviar-lhe a tarefa tanto vezes ardua...

Para lições de coisas, nos cursos primarios, que precisado o cinema?... Ha quem censure e até condemne as lições de coisas sem que me seja dado comprehender o motivo... Lições de coisas chamadas nos nós inculcadas em todos os ramos de sciencia ao alcance da creança e sem a pretença do nome pomposo de sciencia...

As memores coisas apresentadas em figuras... as fabricas ensinam todas as industrias, fabricas

dé tecidos, de papel, de lapis, de vidro, de porcelana, de comestíveis...

As pesquisas, no fundo do mar, da perola, da esponja, do coral... os escaphandros, a flora da terra com sua vegetação exuberante e os caprichos da natureza; as águas com suas algas, seus peixes, seus mysterios... tudo quanto se procura, a tanto custo, transmitir aos cerebrosinhos infantis, tudo apresentado num golpe de vista com tanta clareza, com tanta perfeição!... Quantas vezes não teria o cinema o valor de revelar, á creança, a sua vocação...

Para o povo, no ensino nocturno, as lições animadas dariam o atractivo que confessam os Srs. professores lhe faltar... Atrahidos pelo estudo ninguém deixaria de aprender a ler para melhor comeder o que lhe interessasse... os mesmos dizeres das fitas tornariam familiares ao olhar as letras do alphabeto... Os proprios professores animados pelas victorias alcançadas teriam cada vez maior empenho em se aperfeicoar em suas disciplinas... O cinematographo faria desaparecer a transição brusca dos jardins da infancia para os cursos primarios...

E o que dizer das sciencias matuareas!... num só fim toda a vida das abelhas, tudo quanto interessa em seu trabalho... toda a fauna das mais variadas terras em seus proprios dominios... toda a flora apresentada com tanta sedução, a planta a crescer diante dos olhos do alumno, a flor e desabrochar, o fructo a mostrar seus semences...

Não podemos viajar? a viagem vem a nós!... Viajar por todos os pontos do mundo, ver os icebergs, as geleiras, os vulcões em erupção, as catarras gorgulhantes, as cidades com seus caracteristicos, tudo nos lances da escola...

Que horizontes rasgados, que clarões para o espirito, que alegrias para a imaginação!... Na geographia já existem innumerables films e até do nosso Brasil... Estudiar o sistema dos Alpes por exemplo, tendo na lembrança os panoramas magnificos vistos uma ou mais vezes na tda, é povor de imagens lindas as paginas tantas vezes difficis e aridas de uma geographia... Porque retém melhor a geographia de um paiz quem por elle viajou? porque viu...

Ver correr a historia das fitas é gravar factos e datas, costumes e civilisações, guerras e revoltas, figuras e caracteres, progressos e invencões... E até as sciencias exactas já têm, na tda, problemas mathematicos, excellentemente explicados ao alcance de cada um...

Ver na figura animada as bellezas escondidas e longinuas de nossa terra... fazer conhecer o mar aos sertanejos e as nossas selvas aos filhos das nossas praias... descer, nos salões de aula de todo o Brasil, ás magnificencias das minas do vosso glorioso Estado...

E para as catheticistas que maravilha o cinema!... Em vez do cathecismo illustrado e tantas vezes feamente illustrado, já entretanto é um progresso, o cathecismo passado com difficuldade e com perda de tempo, de não em mão, pelas classes inteiras, ou tantas vezes no lugar de cathecismo sem gravuras, estudado, mechanicamente de cór, á força de paciencia e fadiga immensa da pobre catheticista, que se esgota nas innumerables repetições necessarias, apresentando á meninada e ao povo simples que é como a creança, a figura viva do que se lhes quer fazer comprehender...

Na minha proxima conferencia tratarei das objecções que poderão surgir á adopção desta ideia e das suas soluções... e ainda de todo o conjuncto que poderá auxiliar o estudo das nossas escolas...

Termino hoje, senhores, com um pensamento que não é meu... O que o ouvido recebe tantas vezes distraído ou com esforço, se entra pela vista, grava-se na memoria indelevelmente como numa chapla photographica... Não sou eu quem o diz... é a voz geral... em é de hoje que se pensa assim... O grande poeta latino e grande Horacio já dizia o que o nosso Ruy não transmittiu em traducção livre e servirá de fecho ás minhas palavras de hoje:

Sons que o ouvido acolheu de presto se evaceam,
Mas o que o olhar fiel á mente nos conduz
Calcula n'alma impressões, que raro nos esquecem
Incaladas ali pelo raiar da luz...

Amelia de Rezende Martins

HISTORIA E LITTERATURA

Joaquim Silverio dos Reis

(Continuação)

No seu depoimento, diz Joaquim Silverio que o Desembargador Gonzaga desistira de seguir para a Bahia, ficando em Villa Rica para «ordir a dita sublevação»; e que a senha para o levante era esta: tal dia e tantas horas e o lealdade».

Diz que o movimento não se fizera ainda pela frouxidão do Tenente Coronel Francisco de Paula, mas havia de ser feito, apenas lançada a derrama. De uma feita disse Claudio ao respondente que «partira com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, porque este fallava muito e deixava tudo a perder. No Rio, disse Tiradentes ao deponente que o Tenente Coronel Francisco de Paula era «um banana», pois já se podia ter feito tudo. Querendo fugir, pediu-lhe Tiradentes algum dinheiro emprestado, recusando-se o deponente a satisfazer-o; então o mesmo Tiradentes vendeu um mulato que tinha. Na occasião em que foi preso, tinha o Alferes um bacamarte, prompto a dar fogo. (1)

Apreciar serenamente a figura do Coronel Joaquim Silverio dos Reis não é facil, tão forte e tão triste é a lembrança que nos traz o seu nome. E' nosso maior desejo não commetermos injusticia alguma com nenhum dos figurantes desse doloroso drama de 1789, e nem mesmo carregarmos as cores.

Temos, porém, elementos sufficientes para um exame objectivo da questão. Si Joaquim Silverio, portuguez, vassallo fiel da monarchia portugueza, apenas sabedor de um segredo ferveo contra a sua patria, segredo que lhe viera sem solicitação sua, se sentisse no dever de levar tudo ao conhecimento da autoridade; si esse fosse realmente o caso, era pelo menos discutivel o procedimento do delator.

Poder-se-ia crer que não fizera elle mais do que ouvir a voz da sua consciencia: que era um convencido da legitimidade do governo portuguez, e não somente da legitimidade, mas das excellencias do regime colonial, de modo a ser tambem um convencido de que a sublevação daria em desastre para o paiz, em desgraça para o povo. Poder-se-ia crer que elle, bem pensando a gravidade da situação e bem seguro na sua consciencia, preferisse ser leal ao seu Governo e á sua Solerama, embora pudessem ser considerado como tendo incorrido em deslealdade para com o que nelle haviam confiado.

Não se pode absolutamente sustentar que o seu lealdade seja sempre o partido digno para quem recebeu uma confiada perigosa, embora se trate de um mais monstruoso crime. Traidor e delator seria então o generoso Fabricio, mandando entregar a Pirrho o medico infiel, que se offerrecera ao General romano para envenciar o seu proprio rei.

Esse, porém, não é o caso de J. Silverio. Em primeiro lugar, somente lhe revelaram o segredo do

levante, quando nelle viram tambem um descontente, não só em razão do desfalque que havia dado, como pelas palavras amargas que elle mesmo confessou ter pronunciado contra o seu governo, attitudão essa que exclue a presumpção de uma grande fidelidade, de um grande amor e devoção á patria e á rainha.

Em segundo lugar, o seu procedimento foi todo interessado. Apenas sabedor da existencia de uma conjuração, mostrou-se o Coronel jubiloso, e assumo o declarou, porque excellente occasião se lhe offerencia de prestar ao governo um relevante serviço e delle receber o perdão do grande desfalque em que incorrera.

Em terceiro lugar, J. Silverio não se limitou a delatar o que sabia; elle se constituiu não ao mando do Visconde de Barbacena, indo arrancar aos conjurados, confidentes e compromettedores, usando para com o Alferes Joaquim José, do mais negro e mais infame procedimento, sem justificativa possivel.

Bastam estas considerações para um julgamento segundo a estrita justiça, julgamento que é todo desfavoravel a J. Silverio, e que justifica e confirma plenamente o estigma lançado sobre o seu nome.

O proprio descendente do traidor, relembrando as conversações dos seus pais, que se esforçavam por justificar o procedimento do Coronel attribuindo-o a um instinto de fidelidade ao throno de que era elle vassallo, confessa nobremente que a J. Silverio fallava energia de caracter, e que, mettido em uma situação equívoca, só conseguiu della sair do modo mais infelz e mais indigno. (2)

Não são essas, entretanto, os unicos elementos para a critica da figura de J. Silverio.

No processo relativo ao desfalque, de que já fallamos, é J. Silverio considerado «doloso, fraudulento e falsificador».

Tinha o Coronel o appellido de Joaquim Salterio, assim como o seu irmão João dos Anjos, porque, como dizia o Coronel Francisco Antonio, eram elles os seus maiores magoães que jamais haviam passado de Portugal para o Brasil. Frei Raymundo de Penna Forte diz que muitos attribuíam a delação de J. Silverio á conveniencia e desejo de maior fortuna. (3)

O proprio Vice-Rei não tinha em boa conta o delator da conspiração. Logo depois da prisão de Tiradentes, mandou o Coronel Francisco Antonio Joaquim Silverio, que foi mettido na mesma Fortaleza da Ilha das Cobras, onde estava a sua victima, porque «sendo elle um dos mais descontentes

(1) Depoz. a 18 de Maio de 1789. (2) Cordeiro Montenegro, «Ultimos paizs.», p. 56. (3) «Ultimos momentos (1) Officio de 16 de Julho de 1789. Rev. In. Hist. e Ge. Br. Ann.

daquella Capitania pela grande somma que deve á fazenda real, procedida do tempo em que foi contractor do contracto das entradas, pela qual se viu muito apertado, da qual só por alguma industria podia livrar os seus bens, que mesmo todos não chegaram a pagar a mesma somma, e tem um caracter disposto para qualquer maldade que o conduzisse áquelle fim, é bem de presumir que fosse talvez a origem daquelles mesmos horrosos projectos de que agora se fez denuncia» (4)

Mais tarde, disse o mesmo Vice-Rei que, estando apurado pela devassa, «que o Coronel Joaquim Silveiro dos Reis foi o principal denunciante, que por isso, ainda quando tardasse em ser,

merece attenção, me resolveo a mandal-o pôr em liberdade.» (5)

Já se vê, pois, que o proprio Vice-Rei considerava o delator como um homem mau, perfeitamente capaz de ter sido a auctor do projecto de sublevação, de que se fizera denuncia. A propria toxicidade de J. Silveiro em pedir, mais tarde, o premio aos seus serviços, prova muito contra elle.

Luicio José dos Santos

XXX, 1867. (5) Officio de 30 de Dez. 89, Ibidem.



ESCOLA NORMAL MODELO

Lyra de Gonzaga allusiva ao visconde de Barbacena

I

A elevação de sentimentos é o traço proeminente do vulto moral de Gonzaga. Bafejado pela felleidade ou perseguido pelo infortunio, manifesta sempre a mesma grandeza de animo, a mesma brandura de coração. Apalancado por Dorothea,

decanta em ferrenhissimas lyras, sem a menor quebra das leis severas da castidade.—Se não sonhasse com a possibilidade de prole, ninguém usaria d'avidar do platonismo de seu amor.

Entre as tribulações do carcere, onde o havia lançado a vingança de infame delator e calumniador, diz elle a Marília, figurada em um anjo:

Se ao meu contrario entre chammais vir,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o reinar;
Lada por elle muito mais obrigar;
E se nada servisse,
Fizera então, amigo, o que fizeste:
Gemera e suspirava.

Inflamado de indignação contra a culmeia de que era victima, dirige á sua amada uma lyra, em que da vehementemente apostrophe com que exprobra o calumniador, se eleva ao perdido do mesmo, dizendo:

Ah! quando imaginar que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo imitando:
Eu então lhe direi—infame, indino,
Obras como costuma o vil humano,
Faço o que fez um coração divino.

Na solidão do carcere, tomando por juiz a propria consciencia, abre o coração no seguinte soneto, que reflecte a brandura e nobreza de seu caracter:

Obrei quanto o discurso me guiava,
Orei aos sabios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o coração abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.
Juizando os crimes nunca o voto dava
Mais duro no pio do que a lei pedia,
Mas, devendo salvar o justo, ria,
E devendo punir o réo, chorava.
Não foram, Villa Rica, os meus projectos
Meter em ferros cotra copia de outros,
Que farte aos fillos e que chegue aos netos.
Outras são as fortunas que me auguro;
Ganhei saudades, adori affeitos;
Vou fazer destes bens melhor thesouro.

II

Em desmentido do que acabamos de assignalar, contrapõe-se a lyra em que Gonzaga, defendendo o visconde de Barbacena das increpações de Dorothea, lhe lee encomios que tocam as rains da bajulação:

Ei-la:

Não praquejes, Marília, não praquejes
A justicera mão que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada:
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem
As mãos se deram; no seu peito moram;
Manda prender ao réo a austerá bocca,
Porém seus olhos choram.

Se á innocencia denigre a vil culmeia,
Que culpa aquelle tem que applica a pena?
Não é o julgador, é o processo,
E' a lei quem nos condemna.

Só no averno os juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano,
Ahi todos confessam suas culpas.
Não pôde haver engano.

Eu vejo as fúrias affligido aos tristes:
Chega uma o fogo e outra os crimes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nem um accusa Jove.

Eu tambem inda adoro o grande chefe,
Bem que a prisão me dá, que não mereço;
Qual em sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune
Ao vassallo que julga delinquente,
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, os mesmos Titos
Nas suas virtudes que no peio abrigas:
Não horas téz somente aos que premeias,
Honras a quem castigas.

Esta lyra, inegavelmente lisonejira, tem dado logar a que seja Gonzaga acimado de pusillanime e bajulador, e tambem de ingenuo por ter acreditado que, com curramilhas descehidas, podia conquistar a benevolencia e protecção do potentado que o mandára prender.

Attentas certas circumstancias que não têm sido ponderadas, é de todo improcedente tão desairoza censura.

Gonzaga escrevia lyras só para Dorothea, e não as enviava senão a ella, que por certo a ninguém as iria mostrar. Não escreveria lyra emcomiastica para chegar ás mãos do elogiado, porque tinha consciencia de que praticaria com isto um acto mais digno de desprezo, do que de acollimento.

E não é só isto: resultando da lyra haver Dorothea amaldiçoado o visconde, não commetteria a leviandade de indispol-o contra ella, até porque em reivindicada poderia tomar providencias no sentido de fazer cessar a correspondencia entre os dous. De mais a mais, devia saber que o visconde não era nenhum imbecil para se deixar levar por lousas lyricas.

O que se infere de tudo isto é que Dorothea, escrevendo a "Gonzaga", maldisse descaradamente o visconde de Barbacena por haver mandado prendido; induzido tão somente por delação calumniosa e indicios leves.

Magistrado integro, habitado a julgar sem paixão, sensibilizou-se com a injusta e incorporeas de sua noiva, e procurou por isso desvanecer-lhe no espirito o juizo erroneo e desfavoravel que formava do inerepado. Não podia fazel-o em carta, porque só lhe dirigia lyras (1). Estas haia a certeza de que lhe seriam entregues: cartas não o seriam, ainda que l'has pudessem escrever, apesar de incommunicavel.

Esciaremos assim os pontos acima expostos, entremos em outras considerações, decorrentes do assumpto.

III

Já sabemos de sobra que o visconde de Barbacena, por ter dado ouvidos a um miseravel delator, mandou prender Gonzaga, sem ter provas positivas de seus delinquencias.

Sendo esta a verdade, acode naturalmente ao espirito a pergunta: que razões intimaes teriam movido Gonzaga a exaltar o visconde de Barbacena a ponto de sobreleval-o a Tito, que dos Imperadores romanos foi justamente o mais respeitado a liberdade dos cidadãos, e mais detestou os delatores, com cuja influencia acobou, banindo-os de Roma?

(1) Este ponto ficou explicado em outro logar da obra de que faz parte o presente capitulo.

Gonzaga, como já ficou dito, era dotado de nobilíssimos predilectos, que o tornavam geralmente considerado e acatado. Não é, pois, crível que o infortunio tivesse tido o poder de transformá-lo em sa-luador, levando-o a lançar ignobilmente os pés do vi-ventador de sua liberdade. A lyra maisnada deve ser tonada, não como indício de porrevidade de caracte-r, mas como a voz da consciência de um juizo recto, como brado de gratidão de um peito nobre, como vehemente afirmação da verdade, desvirtuada no espirito de sua noiva, com quem fallava.

Para Gonzaga, que tratara com o visconde de Barbaena quasi um anno e observara serenamente seus actos e tendencias, não era elle um satrapa de letras gordas, malvado, violento, e cruel de caracter, mas um espirito culto, austero, justo, e sobretudo compassivo e humanitario. Fazia prender os delinquentes em obediencia ás leis e a bem da ordem publicá, mas inclinava-se sempre á brandura e á benevolencia.

Dadas as circumstancias excepcionaes em que se achava Gonzaga, deve seu juizo, neste particular, ser laviado por insuspeito. Será, porém, verdadeiro? Examinemol-o sem parcialidade.

IV

Personagem tristemente celebrada na tragedia da conjuração mineira, mas ainda não convenientemente estudada quanto ao papel que nella representou, supporta o visconde de Barbaena, ao lado de Joaquim Silverio dos Reis, todo o peso das maldições do patriotismo exaltado.

Para averiguar até onde é verdadeiro o conceito que della tem Gonzaga, é mister consagramos algumas linhas á sua biographia, que pouco conhece da elle nós.

Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 6.^o visconde e 1.^o conde de Barbaena, nasceu em Lisboa a 7 de setembro de 1754. Defendeu o 1.^o visconde do mesmo nome, Afonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, que foi 26.^o governador e capitão general do Brasil, onde falleceu em 1875.

Tendo terminado o estudo de humanidades, em que revelou desde logo brilhante intelligencia e infatigavel applicação, mandou-o seu pae para a universidade de Coimbra, que havia acabado de passar pela reforma decretada pelo marquez de Pombal em 1772.

All cursou com distincção as faculdades de philosophia e de leis, em que se doutorou ainda muito moço, deixando naquella estabelecimento de ensino superior a tradição honrosa de seu talento e incaeavel actividade.

Logo depois de formado, casou com D. Anna Rosa José de Mello, filha primogenita dos marquezes de Sabugosa, da qual teve diversos filhos.

Não obstante os cuidados de familia, que foram crescendo de anno para anno com o augmento de prole, continuou a applicar-se ao estudo com o mesmo affino, cultivando de preferencia a historia natural, pela qual tinha particular predilecção.

Não tardou que o governo aproveitasse sua applicação, nomeando-o para reger a cadeira da referida sciencia, na universidade de Coimbra, como substituto do insigne naturalista italiano, Dr. Domingos Vandelli.

Em 1779, o duque de Lafões, unido ao sapientissimo abbade José Correia da Serra, fundou a Academia Real das Sciencias de Lisboa, composta dos homens mais eminentes em sciencias e letras que existiam em Portugal. O visconde de Barbaena, que por esse tempo contava vinte e cinco annos de idade, foi um dos instituidores da notavel associação scientifica, que ha quasi seculo e meio vem prestando relevantissimos serviços ás sciencias e letras, mantendo-se sempre á altura de sua grandiosa missão.

Ao lado do duque de Lafões, que foi seu primeiro presidente, e de tantos vultos insignes das letras portuguezas, exerceu o visconde de Barbaena o cargo de 1.^o secretario (2) desde a inauguração solemne do instituto, em 1780, até o anno de 1788, em que foi nomeado governador geral da capitania de Minas.

E' de crer que muito influisse para sua nomeação a conhecida predilecção que tinha pelo estudo da historia natural. O governo da metropole, inspirado talvez por Vandelli, já começava a volver suas vistas para as riquezas naturaes da capitania, as quaes procurava conhecer.

Para explorá-as e estudá-las talvez sob seu aspecto economico, já tinha comissionado o competente naturalista mineiro, Joaquim Velloso de Miranda (3) doutor em philosophia pela universidade de Coimbra e correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa a qual já havia começado suas pesquisas em 1787, no governo do conde de Lumiares (4).

O visconde de Barbaena governou a capitania desde julho de 1788 até agosto de 1797 (5). Voltando a residir em Lisboa, exerceu os seguintes cargos: de governador da princessa D. Carlota Joaquina, depois rainha de Portugal; de presidente da mesa de consciencia e ordens; de conselheiro de Estado; de secretario da mesa da Santa Casa de Misericordia de Lisboa. Neste ultimo cargo diz um de seus biographos, prestou relevantes serviços, fazendo entrar em ordem os negocios desse instituto pois os quaes se achavam em grande confusão. Em 1815 voltou ao Brasil, em 1816 foi elevado a conde e em 1826 nomeado par do reino.

Falleceu viuvo a 7 de abril de 1830. Ia fazer setenta e seis annos de idade a 7 de setembro.

De seus filhos o mais illustre foi Francisco Furtado, 2.^o conde de Barbaena, que em 1789 as-

(2) O secretario accumulava as funções de orador da Academia. Em todas as corporações congeneres da Europa o cargo de secretario é occupado por espiritos eminentes.

(3) Innocencio o suppõe nascido em Minas Geraes.

(4) Arquivo Publico Mineiro, portaria de Luiz da Cunha Menezes, datada de 17 de fevereiro de 1787.

(5) Depois de Gomes Freire de Andrada, foi dos capitães generaes de Minas o que governou por mais tempo

sentou praça de soldado (6) no regimento de cavallaria de Villa Rica, e, após brillantissima carreira militar, chegou ao posto de marechal de campo. Occupou diversos cargos elevados, entre os quaes o de chefe do Estado Maior do exercito, ministro dos estrangeiros, etc. Notabilizou-se não só por sua intelligencia como alumnio da Academia Real de Fortificação, mas tambem por seu valor e bravura nos combates em que entrou, e sobretudo por seu espirito de caridade, despendendo consideravel parte de suas rendas em esmolas e com obras verdadeiramente humanitarias. Por acto de ultima vontade determinou a creação de um asylo, na villa de Barbaena, destinado ao recolhimento e educação de meninos desamparados.

Falleceu em 1854, e a seu funeral, diz Pinheiro Chagas, concorreram todos os homens importantes que viviam em Lisboa sem distincção de

partidos, e o prestio que acompanhou a pé o fetro, desde a igreja da Graça até o cemiterio do Alto de S. João, era numeroso e imponente.

Em suas exequias, que foram pomposas, pregou o notavel orador evangelico, padre Francisco Malhão, cuja oração fúnebre é um modelo de eloquencia sagrada, e um dos seus mais apreciados sermões.

(Capitulo XII de *Marilia de Direen*, obra inedita).

(Continúa)

THOMAZ BRANDÃO

(6) Tinha então nove annos de nascido. Os filhos menores de pae nobres podiam assentar praça em qualquer idade; mas para serem admittidos como cadetes deviam ter pelo menos quinze annos.

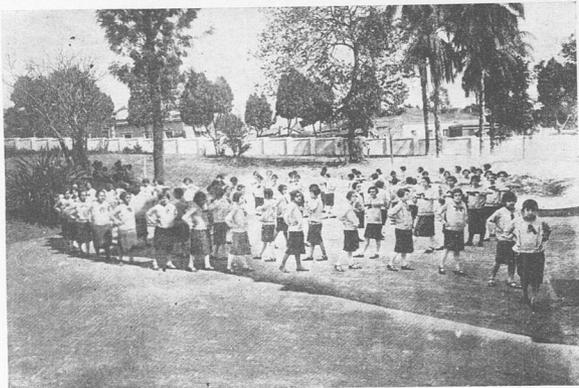


A professora de educação physica da Escola Normal e o corpo de monitoras.

A MUSICA NA ESCOLA

O ensino de musica está hoje diffundido por toda a parte e constitue elemento integrante e essencial da educação. A criança, desde a primeira infancia, respira um ambiente de respeito e mesmo de veneração pela musica, e os paes são os encarregados de manter o fogo sagrado. Ao ingressar na escola, começa logo o menino a receber lições de musica, não as esquecendo até o termino dos estudos.

No Kindergarten ha jogos physicos e sobre poesia e musica, por meio dos quaes se desenvolvem consideravelmente tanto os musculos como as forças interiores, adquirindo os pequenos escolares, em maior ou menor grau, uma curyritmia que lhes constitue um grande beneficio para o futuro. Conforme vai crescendo em idade, deparam-se ao alumnio ensinos technicos, para que, sem esforço, chegue a ler e exprimir por organ dos signaes de musica, seus sentimentos intimos, como por meio da linguagem fallada, comprehendendo e expressando as idéas. O canto coral é objecto da maior attenção nesses disci-

Alumnas da Escola Normal Modelo.— Aula de *gymnastica rythmica*.

plinas, pois, pelo seu exercicio, desperta-o o espirito de sociabilidade, e assim quando a creanca tornar-se homem, é um ser disposto para a vida em commun e tem a consciencia de que, emprestando seu esforço ao conjunto, a vida é mais suave pelo facto de ser a sociedade culta e bem organizada.

O canto coral é, socialmente encardido, de grande valor. Poucas cousas na vida, oferecem, sem a minima inconveniencia, no ponto de vista moral e a musica de instimavel poder educativo: sensibiliza o espirito, afugenta as idéas perniciosas, toma, de modo ameno, o tempo consagrado á diverso e espaçamento do animo.

Como a musica se baseia na poesia, a que sublima, põe-os em contacto intimo com esta e nos faz melhor comprehender e melhor sentir; permite olvidar agruras e dores de que forçosamente o homem é victima, ou, pelo menos, dulcifica-as e suaviza; augmenta nossas lédices, expurgando-as dos sentimentos degenerados que ellas possam quicquid inspirar; grava na memoria e no pelo momentos e episodios da vida, envolvendo-os em nimbo de belleza que torna grata a recordação; bane a ociosidade, prodromo do toda maldade; afasta o vicio e os paixões malhas; embolsece e eleva a alma; permite, por sua natureza singularmente augusta, fraternizar os homens, que, vinculados por tão estreito liame, convivem e se conhecem e olvidam e perdoam as differenças de classe, de idéa, de condicção, para num amplexo de pae e concordia, renderem a homenagem á arte que tudo ultrapassa.

Desde, o ponto de vista hygienico constitue um magnifico meio prophylactico, pois o cantar, além do bem que traz á parte moral do individuo, evita, segundo affirmam physiologists de escol, grande numero de molestias, que são o aoute da humanidade. E' um facto que a respiração rythmica — no canto não se procede de outro modo — descolvo os organos relacionados com a musica, de maneira methodica, insensível e agradável.

Eis o que diz um sábio hygienista:

«Aquelle que canta faz um seguro contra a tuberculose».

Outro aspecto interessante offerece a pratica desta disciplina pedagogica.

Como o canto coral, depois de certo tempo, se executa polyphonicamente, o cantor habilita-se a interpretar a sua parte, ouvindo no mesmo tempo as outras que são differentes entre si, alcançando assim um dominio e uma consciencia propria, como tambem um respeito para com os companheiros. Acostumase depois a cumprir uma missão nem mais nem menos importante que as que formam o conjunto. Aprende a esperar e a intervir na occasião determinada, a submetter-se a uma direcção, sem detrimento de sua dignidade, de seu amor proprio e de seu orgulho. Abate e exalta o individualismo, isto é, equilibra as funções de sua individualidade, aparelhando-a para não ser demasiadamente passiva, nem excessivamente activa na vida social.

Confidant

(Da revista *El Monitor de la Educacion Común*, de Buenos Ayres.

ÁS CREANÇAS

DO

Grupo Escolar Coronel Coelho

EM CAPELLINHA

Juscelino Barbosa

Meninos, meus innocentes amiguinhos de hoje meus grandes amigos de amanhã!

Meninas, flores da belleza de minha Terra!

Eu sou o peregrino da saudade: venho de longas terras extranhas trazer á nossa Capellinha o beijo da minha terra filial. E vejo aqui, em vós que sois a Capellinha de amanhã, a doce representação viva da Capellinha de hontem, onde viveram, trabalharam e soffreram aquelles que tanto amei, e a continuacão da Capellinha de hoje—terra abençoada da Deus onde «aos beijos do sol sobram as colheitas», onde «nos beijos do amor crescem as familias», terra de paz e de trabalho, de bondade e de fatura, de honestidade e de esperanças. Deus te cubra de bençãos, afaste de ti as lagrimas o faga desabrochar em ti os sorrisos da felicidade completa, Terra amoravel e boa, onde descançam para sempre as cinzas dos meus e eu quero que as minhas vejam descançar já jornada fatigante em que vou!

—Eu amo as creanças e os velhos. Aquellas, porque não conhecem ainda o mal, nem o praticaram; estes, porque não o podem mais commetter e principalmente porque já soffreram. O homem e o soffrimento são duas palavras, duas noções que andam sempre associadas e inseparáveis na vida. Viver é soffrer e assim quem mais viveu mais soffreu. Lá diz o poeta sentimental, mas verdadeiro:

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido repouso adormeceu,
Quem passou pela vida, não soffreu,
Foi espectro de homem, não foi homem;
Só passou pela vida: não viveu!

Os velhos e as creanças são os dois extremos da vida. Aquelles, como eu, que vão a meio della ou pouco mais, aforam as creanças como a esperança daquillo que não puderam fazer, reverenciam os velhos como exemplos daquillo que ainda esperam realizar. Eu—si infelizmente já não sou uma creança, ainda não sou tambem um velho: estou nessa phase dolorosa da vida em que o coração começa a reavocar-se de cruzes como um collarão de saudades, porque já se foram para o Além aquelles que nos creamos; e ao mesmo tempo arrancam-se nos pedços do coração, porque começam a partir para a lucta da vida e a não deixar sosinhos aquelles que nós creamos.

Não é uma aurora, porque o sol já vem em meio do Ceu; não é um crepusculo, porque ainda brilha com fulgor; mas juvo-vos que é a phase da vida em que mais se soffre. Assim, si me virdes hoje chorar, é porque eu talvez ainda seja uma

creança. Felizes daquelles que ainda têm lagrimas, porque o seu coração não seccou completamente! Si me virdes rir e contar casos e historias, é porque provavelmente já me vou tornando velho e anecdótico. . . Um pouco de creança—para sentir e chorar; um pouco de velho, para rir e commutar. Mas é delicioso viver assim.

A Capellinha de hoje, que eu me orgulho de representar, vem falar á Capellinha de amanhã, que sois vós, meus amiguinhos do Grupo Escolar, da Capellinha de hontem que podemos synthetisar naquelle cujo nome ledes no frontal deste prédio: todas as vezes que, ao entrar, levantais a vista ao alto. Porque se dete ao Grupo Escolar de Capellinha o nome do Coronel Coelho? perguntareis talvez vós que para aqui viesdes depois que a Ilha emprezedeira a esterna viagem. Quem era o Coronel Coelho? E' o que eu venho dizer-vos hoje, meus queridos amiguinhos, minhas lindas florinhas em botão. Faço dois mandados de uma via só: cumprio um dever e gratidão para com elle e presto-vos contas do que elle me mandou fazer pela Capellinha. Porque foi para isso que elle me criou e me educou: para trabalhar pela Capellinha. Portanto, pensando em mim e cuidando de mim, elle pensava em vós e cuidava de vós: a creança de hontem recebeu um honroso mandato que se esforça hoje por descompletar cabalmente, com todas as veras de seu coração. No correr desta palestra iremos vendo discretamente como foram e vão sendo cumpridas as ordens daquillo que representa o nosso passado saudoso; e em rapidos traços desse passado tentaremos esboçar a figura de quem tão dignamente o synthetisa.

Um pouco de autobiographia. Para mim o passado começa em meua terra chuyosa do anno de 1870 e . . . (eu tinha 4 mezes de vida e por isso não sei o anno certo, nem sou obrigado a me lembrar) quando cheguei pela primeira vez á Capellinha. Porque é preciso confessar-vos meus amiguinhos, que sou filho adoptivo de Capellinha: de nascença sou chapadeiro, isto é, do districto de Santa Cruz da Chapada, onde depois das chruvas as folhetas de ouro apparecem nas terras lavradas pelo ceu. Nasci na fazenda da Sambaíba, o que significa absolutamente que eu seji um munheca de sambaíba. . . Ao contrario, fui informado ha tempos por uma cartamante de Paris que não tenho nada e que nunca terei coisa alguma porque sou um «micos abertos». Amos isso! Com as mãos abertás espalhame-se mais beneficios do que com ellas fechadas: parece evidente. . . E todo aquelle que, ao fim da vida, puder verificar que foi um semeador didivoso e não um colheitor egoista, terá a certeza da utilidade e do valor da vida e dos viveedores. Chegava eu, portanto, á Capellinha com 4 para 5 mezes de edade — ha bem uns 30 annos isso, posso garantir—trazido amonestado ao collo de minha Mãe. A Mãe era aspera e chivosa e a marcha tinha sido longa: devíamos estar todos muito cansados, e menos talvez—porque vinha mandando regaladamente e bem rebuçado e ao calor de um solão São Mica. Quando eu me corria como a pelinella me recebeu? Quantas vezes depois cheguei aqui e fui recebido com a mesma alegre confortá-

tinhou a usal-o, e outro mais novo e, portanto, mais duro—para mim que o conquistara graças à minha intervenção ineluctiva.

Garanto-vos, meus amiguinhos, que antes intervir como Presidente da Republica nos Estados da federacao que precisarem de tutela. . . Pelo menos os bombardeiros de cidades, nada soffreram e eu queimou rijs e forte e rodei espavorido por aquella sala onde o Ascendino hoje taxa telegrammas, recebo para a Capellinha noticias do mundo e transmitta ao mundo as novas da Capellinha. Queris um conselho? Nunca mais appareas entre as escuras celestias que descerem sobre vossos irmãos sob a forma de um rabo de tati manejado a tempo e á hora pelas vossas bondosas Mães.

Castigar os que erram sempre foi obra de caridade reconciliadora; portanto, atamparar mesmo de leve uma obra de caridade é quasi peccado. E depois a gente pode ir no arrastão e pagar tambem pelos outros. . .

Estades aqui com uma grande vontade de me perguntar si aquella poehra havia em Capellinha meinhos ariteiros ou creanças malignas. Decerto havia; em todo caso, menos do que hoje; meus creanças e menos artes. . . O chefe dos chefes dos do meu tempo está aqui nos coitadões! Elle que quom em certa noite de sexta-feira da Paixão acabou meios e mecos de soltar na porta do cemiterio, sobre um bando de beatas que resavam, cabritos que traziam amarrados aos chifres pistoleiros vomitando clamoros e lagrimas de polvora. Foi elle quem, presente um dia na pharmacia da terra, vendo chegar um honesto cabeludo á procura de polvora, informou a este que a polvora que alli se vendia já era servida. . . O bom do homem partiu desolado para a sua erua, subvotou-se talvez alguma sacratia ou jactancia—mas o bondono pharmaceutico prejudicado leve impetos de recorrer ao rabo de tati. E tinha direito de fazelo.

Mas não foi elle, e sim o nosso actual delegado de policia quem, na porta da mesma pharmacia, encontrou uma taboa cheia de pilulas que seccavam ao sol, jogadas todas fora, sentou-se muito lampeloso e interrogou-me sobre a responsabilidade de uma carinha de innocencia:—Mas eu pensei que era. . . de cabrito.

Os meus meinhos daquello tempo recebiam, em compensação, tanto arte, pilulas e castigos como os do Carlos Martins. Quando se procurava na mão delle pedra de fusil:

—Tem pedra de fusil, seu Carlos?

—Não tem não, senhor! Mas tem pé de moleque que é a minha coitadia!

Quando o sermão ia continuar sobre os inconvenientes das pedras de fusil e vantagens do pé de moleque bem bichento, a gente já estava longe. . . Como desfilam milhas deante da minha sociedade as figuras dos meus velhos que já se foram, em torno da veneranda figura patriarcal de meu Padrinho! Pedro de Paula, Chico Guedes, Major Pimenta, Juca Costa, Camillo Pimenta, Alberto Carlos, Tótoni Simas, João Cordeiro, João, Chico Teophilo, Theophilo Fernandes, Honorato Cordeiro, Juca Senna, Heitor Soyer, os dois João Mar-

tins, Lydio de Araujo, Carlos Cordeiro, Correia do Salto, Mestre Massana, Luiz Gomes da Silva, Capellinha Goudim—celebre cantador delundis como aquelle da *Palma maldita*!—Chico de Paula, Pedro Vieira Ottoni, João Gonçalves Senna, Theophilo Pires, pharmaceutico Mundinho, João Paulo Cordeiro, Pedro Gonçalves Senna, Janito Campos, João Carapinha, Professor Josephino, João Martins carpinteiro, Tio Felicissimo, Tio Nuno, Tio Thingo, meu Pao e tantos outros. Todos, parentes ou extranhos, tiveram uma palavra de encorajamento e animação para o pequento estudante de applauso ou de agradecimento para quem o educava. Recebam todos nas suas memorias sagradas e pelos seus representantes na Capellinha de hoje as homenagem do meu affecto e da minha gratidão.

Como representantes vivos dessa geração de lutadores da Capellinha de hontem, aos quaes se incorporaram mais tarde outros benemeritos já desaparecidos tambem como Antonio Paulino Ribeiro e Leonardo Ribeiro eu encontro commodamente hoje o nosso venerando Mestre Clementino, João Alves, Tio Fulgencio, Juca Soyer, Tótoni Baptista, Mestre Firmino, Felix Couty, Sebastião da Luz e o Major Joaquim Baptista. Este tão bondono, tão leal, tão dedicado, tão simples, tão amigo! representa o traço sagrado de união entre a Capellinha de hontem e a Capellinha de hoje que elle governa e administra, constituída por essa rapaziada saudada que ahí está plantando, negociando, mineando, trabalhando, construindo a Capellinha de amanhã que será completariosa e aperfeiçoariva, porque sóis os obreiros do futuro, meus amiguinhos do Grupo Escolar!

Do Major Baptista eu só lembro o egoismo com que conserva sem communicar aos amigos a sua receita para não envelhecer. . .

Não quero falar-vos mais nem de mim, nem daquellas cuja lembrança me faz vir lagrimas aos olhos. Vae sendo hora de irmos para a sessão de cinema que nos offerece o nosso amavel Teophoro Segundo, como complemento á festinha de hoje. Entre a Capellinha de hontem e a Capellinha de hoje ha uma porção de differenças que são melhoramentos, commodidades, aperfeiçoamentos da vida individual e da vida collectiva: o telegrapho, a villa, o grupo escolar—ou a rapidez das communicações e pensamento, a autonomia administrativa e applicação local das rotinas arcaicas á instructiva indispensavel organizada e ministrada com tanto carinho e competencia que eu peço licença para saudar entusiasticamente vossas professoras e vossa Directora tão boas e dedicadas. Vejo muitas de vós com uma vida singular e altamente significativa: todas as professoras foram discípulas da Directora e esta pode assim ser dignamente chamada a mestra das mestras. Nem em toda parte se viu isso. Quando outro dia vim assistir-vos e ouvi cantado por vós os mesmos hymnos que tenho ouvido entoados pelas creanças do Sul, do Oeste, do Centro, do Leste e do extremo Norte da nossa Mimás, senti uma profunda dôce enoção e me lembrei de meu pai mineiro e brasileiro. Faltam-nos ainda algumas coisas: o fóro e a estrada de rodagem, a justiça proxima

e os transportes pessoais e de mercadorias rapidos e baratos—viva ahi muito, poro. Teremos depois agua encanada, luz electrica, exgotos, um hospital para curar dos pobres e dos doentes, uma clinica que cuidará das creanças e de roelucel-as para os trabalhos da vida. . . Que mais? Não sei. Quem fez feito? Tambem não sei. Perguntee aos vossos Papas. Elles vos responderão talvez—Foi o velho Papael Coelho: foi o bondono Vovô Coelho.

Vollamos esta noite de onde partimos: o seu nome está merecidamente inscripto na frente desta casa de educação. Elle foi bom, foi energico, foi trabalhador: representa e synthetisa dignamente o que está ahí, quem premeo fazer o que não está feito? Tambem não sei. Perguntee aos vossos Papas. Elles vos responderão talvez—Foi o velho Papael Coelho: foi o bondono Vovô Coelho.

As virtudes essenciaes da creança são bondade, asseio e obediencia. Praticae-as com fervor. Quasi que se pde dizer que as tres se resumem na primeira—a bondade. Quando se pde afirmar com justiça de um menino que elle é bom-lhe, é que tem as tres virtudes essenciaes includidas na bondade: porque o asseio é a bondade para consigo mesmo e a obediencia é a bondade para com o

Papas e os Mestres. Vamos fundar hoje aqui no bondono, inteiramente perfeitos. E, si eu tenho direito de pedir-vos alguma coisa, peço-vos que, em lembrança de mim e do muito que vos quero, nunca mateis um passarinho. Os passarinhos são nuns, assediados e obedientes como as creanças; são as creanças da Natureza; são creaturinhas feitas por Deus para alegrar o mundo, cantar e embellizar a vida. Porque mateis-os? E' cruel e é injusto. E pde ser um sacrilegio. Quem sabe si não sabião que vem cantar na lrinheira do fundo do quintal não está cantando a lrinheira gentil do irmosinho que Deus levou e que lá do céu está. Quanto triste e como saudades o veio cantar para elle.

São bons, meus meninos! Respeite os pobres cantores alados!

Lembrae-vos um boudinho de mim. Porque? Porque eu quero muito.

Cresei fortes e alegres; vivei felizes!

Deus vos abençoe!

IDÉA DE PATRIA

Traducção de José Antinimas

Dissertação sobre o fundamento natural do sentimento patrio, adaptada á intelligencia da infancia e acompanhada de ligeras reflexões que seccam a si com phreosio infantil.

Em um vasto apesento, do portas e janellas cuidadosamente fechadas e onde prodigava a estufa o benéfico calor, um aneão—de barbas bran-

cas, digamos no menos para embellizar o painel—dormia, recostado á cadeira. De repente entra fazendo bulha o pequenino neto, inimizo irreconciliavel do silencio e perturbador constante dos ligeiros adormecimentos do vovô. Certo, o leitor já advinhou o neto—uma historia, a narração de um coitadinho. . . Já a historia, porém, habitual, passou o vovô a dialogar com o pequentucho.

—Era uma vez, . . . ressonou o velho. . .

—Não, não, vovô; eu quero, antes da historia, que me explique uma coisa que não comprehendo.

—Que? Diga lá.

—Uma coisa de que hoje nos falto o mestre dizendos-nos que só a poderemos entender quando viermos a ser grandes e a ter bigodes. Eu mesmo não posso addivinhar porque é que me metto no explicar-nos o que não percebemos, explicae-nos a gente, meu caladinho, não tinhamos vontade de conversar e a despeito de não estar a nossa intelligencia ao alcance do que dizia, ouviamos tudo com prazer, com muito prazer. Quanto agora, vovô, que me explique, o senhor queria muito e vezes a palavra 'Patria'.

Desejava saber o que é a Patria.

—Ah! meu anjinho! bem quizera explicar-te o que é a Patria; não sei, porém, se posso, pois o teu diffcil.

E' diffcil, querido, e só quando cresceres comprehenderas. Ha muitas coisas que se comprehendem e entremos escrupulo a qualquer explicação. Parece que a explicação está aqui, sim, aqui no coração, tão no fundo, tão bem no fundo, que se nos affigura ser um pedaço mesmo do coração, e quando vem o desejo de manifestar a outrem o sentimento que experimentamos, . . . fallemos as palavras, como se fossemos mudos; como se não pudessemos falar. . .

E' verdade! Tanta coisa sentimos e tão pouco podemos dizer, tal á grandzosa o formosura do pensamento! Sim, muito bom, o que é a Patria; mas não sou capaz de te explicar.

Vejamos: talvez comprehendas. . .

—Tu me queres bem?

—Sim, muito o quero.

—De quem gostas mais?

—De quem? . . . da mamãe, do papão e do irmãozinho.

—Podias dizer-me porque gostas delles?

—Porque porque, . . . porque sim! Porque gostam tambem de mim, fazem-me caricias, dão-me brinquedos, mandam-me á escola. . . Porque vivo sempre juntinho delles, ninquem me trata melhor, porque me julgo satisfeito quando estou com elle.

—Muito bem! E esse teu amiguinho, com quem sempre brincas, esse ruivozinho que é

Miguelzinho?

— Sim, Miguelzinho, de quem gostará elle mais?
— E?... elle também, como eu, gostará mais da sua mamãe, do papai e dos irmozinhos.

— Evidente! Porquê seus paes e irmãos lhe querem bem, como os teus a ti, pois não é verdade?

— Ah! em toda casa deve ser assim, vovó.
As mãimes, os papás e os filhinhos se entreamam, porque moram juntos... estão na mesma casa... são todos da mesma familia... teem que amar, vovó.

— Sim, teem que amar, não só porque convivem, porque se refazem do mesmo pão, porque se envolvem nas mesmas lidecias como no mesmo peão, mas também por mais alguma cousa, por alguma cousa mais que te não direi porque não pôdes comprehender... porque... entenderias se te

falára de um «mesmo sangue»? se te disséra que és a prole do amor? entenderias? diz?... Nada felizmente, pois ainda és pequeno e teus olhos só se abrem para a alegria.

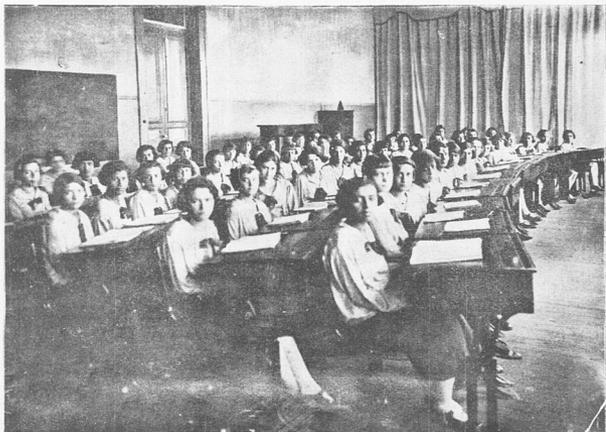
— Sim, felizmente, porquanto não comprehender o mais, é signal de innocencia e a innocencia é a virtude primeira da creança.

— Bem, bem, queridinho: não fiques aborrecido! Como teu avô é enfadonho quando te fala destas cousas obscuras, não é certo?

— Sim, pirralho, já te vejo no rostinho o reflexo deste pensamento.

(CONTINUA)

(Do Livro «El Monitor de la Educación Comuna» de Buenos Ayres.)



Aula de musica — Escola Normal Modelo.

SECÇÃO RECREATIVA

FOLK-LORISMO

A YARA

(LENDAS TAPUYA)

(Y-agua ARA—mulher)

Um dia, um jovem tapuyo (1), filho de um tuchana (2), desceu numa yzara (3) até á corrente que banha a ponta do Tururum. Era um bello rapaz, o mais guapo mancoço da sua tribo. Valente e destemido como elle nunca se vira até então.

Ninguém manevava com mais destreza a sarabatua terrível, cuja flecha cortára e infalível cortava no meio do ar o vôo da aractum. Ninguém brandia tão bem como elle o tacape e nem entesava o arco com elegancia e coragem.

Nos jogos que realizavam para celebrar as festas, a elle cabia invariablymente a palma da victoria e deante delle curvavam respeitosos os proprios ancãos.

Era o orgulho da tribo e o digno successor do velho tuchana, que tantas vezes levára a derrota aos feroces Mundrucus (4).

Ora, um dia, o jovem tapuyo dirigiu-se, numa yzara, á pequena corrente que banha a ponta do Tururum.

Era por uma tarde esplendida e o sol, que já se recolhia por detraz de uma cellina coberta de espessa floresta, reflectia os seus ultimos raios nas aguas da bella bahia formada pelo Rio Negro. O céu era limpido e transparente e no horizonte as nuvens desenhavam uma orla de rosa e ouro. E a yzara do moço tapuyo fendia, ligeira, as aguas agitadas do rio. E o semblante do jovem tapuyo era triste como o canto da *Amurumaz*. Voltou já tarde da *mamaurana* e passou a noite sentado á porta de sua cabana, pensativo, taciturno, proferindo de tempos a tempos palavras entrecortadas, sem nexo. E a veddas selvas, chorava, ella tambem, em silencio, vendo a tristeza profunda que ensobrava o rosto do filho.

— Ouve, mãe, disse-lhe o mancoço, ouve, porque é só a ti que ouso contar as tristezas que me acabrunham... Era uma jovem tão formosa, tão formosa... como igual jamais vi entre as filhas de Manãos... A tarde era linda e yzara vogava, ligeira em direcção á ponta do Tururum.

Subito, ouvi um canto longinquo, como uma voz harmoniosa, que se confundia com o ciciar da brisa entre as folhas das palmeiras. E a yzara fendia, ligeira, as aguas do rio e as ondulações da voz que cantava chegaram-me aos ouvidos mais distantes. E, depois, eu vi... Como era bella, mãe! Como era bella a mulher que ahi se achava! Estava sentada á beira do rio. Tinha os cabellos loiros, como se fos-

sem oiro, presos por flores de *murmurê* (5) e cantava, cantava, como nunca em dias da minha vida ouvi jamais cantar... Depois, ergueu para mim os olhos verdes, sorriu ligeiramente, estendeu-me os braços como si-me quizesse enlugar com elles e desapareceu cantando, nas aguas do igarapé, que se entreabriram para recebel-a... Mãe, como era deslumbrante a mulher que vi! Como eram deliciosos os sons da sua voz!

Dos olhos da velha tapuya desluzaram duas lagrimas silenciosas, que abriram dois sulcos profundos no seu rosto bronzeado.

— «Filho, murmuro, não voltes ao igarapé do Tururum. A mulher que avistaste, filho, é a Yara. Seu sorriso, é a morte! Não escute a sua voz, para não ceder á sua fascinação!»

E o jovem tapuyo, sentado á soleira de sua cabana deixou pender a fronte pensativa. No dia seguinte, ao pôr do sol, a yzara fendia, ligeira, as aguas do Tururum, levando o jovem tapuyo, esquecido dos prudentes conselhos maternos.

O que aconteceu depois, ninguém o sabe, porque ninguém o tornou mais a ver.

Mas, alguns pescadores narram que, passando pelo igarapé do Tururum, á noite, avistam sempre, ao longe, uma figura de mulher a cantar, e, no seu lado, á esbelta figura de um mancoço. E si acontecesse algum, mais ousado, delles se approximar, vê as aguas se entreabrirarem e as duas figuras nellas se afundarem, estreitamente enlaçadas...

- (1) Indio civilizado da Amazonia,
- (2) Cacique, chefe de tribo.
- (3) Espécie de canoa.
- (4) Caraca de Tururum, perto de Manãos.
- (5) Nymphéa de genero *Victoria*, mais muito menor.

JOGOS ACTIVOS

BARRA

Os jogadores (de 10 a 20) dividem-se em 2 grupos e collocam-se a uma distancia de 30 metros, mais ou menos. Um jogador designado de um campo volve ao campo opposto pedir «BARRA» contra um dos jogadores. Este se colloca diante de seu adversario, pé contra pé, uma das mãos ás costas, a outra estendida para frente. O provocador dá 3 pinnçadas na mão estendida e foge perseguido pelo adversario. Começa então, a lucta. Um dos jogadores do primeiro campo só em socorro de seu camarada, procurando aprisionar o perseguidor de seu campo inimico, sobre o qual elle tem burra (do jogador) saindo de seu campo depois de um adversario sahido antes, tem barra contra este e pode prendel-o. Um jogador só pode prender outro si tiver barra contra esse outro. Quando um jogador é aprisionado, a partida se interrompe; o prisioneiro volve

para o campo adverso e collee-as a tres passos da linha de barra, com o braço estendido para seus camaradas, esperando que alguém venha livral-o, tocando-lhe na mão. Si ha diversos prisioneiros, elles ficam na linha, de mãos dadas. Um jogador, tocando a mão do primeiro, livra todos os outros. A partida é, então, recomçada pelo que livrou os prisioneiros. Um jogador, passando a barra inimiga, sem ser preso e nella se refugiando, não pode ser ahi apressado desde que saia, seus adversários terão barra contra elle.

FLORES AO VENTO

Formam-se duas filas com as creanças. De um lado, ficam as flores e, de outro, o vento, devendo haver, entre estas distancias, de 5 a 10 metros ou mais.

As flores escolhem para si o nome de uma das lhes agrada.

Dado o signal, todas se approximam do vento, conservando 1 metro de distancia. Das creanças que formam a fila do vento, cada uma, por sua vez, diz o nome de uma flor. Si acerta, corrom as flores, sendo perseguidas pelo vento. As que se tornarem prisioneiras, passarão para a fila do adversario.

CORRIDA CONTRARIA

Os alumnos formam-se em roda, sem darem mãos uns aos outros.

Um, porém, ficará do lado de fóra. Este, dado o signal, laterá nas costas de um dos da roda. Este ultimo correrá em sentido contrario ao pegador. Ambos se dirigem ao lugar vago. O que lá chegar primeiro tocará parte na roda e o outro passará a ser o pegador, fazendo o mesmo que o anterior.

NOTA: Este jogo pode ser usado na escola, e a corrida será em redor das cadeiras.

PEGADOR

Um menino será o pegador e ficará em lugar determinado, o pique.

Seus olhos serão vendados. Elle contará de 1 até 100. Enquanto isso, todos fogem e procuram se esconder. A hora em que disser 100, tirará a venda e dirá: "Eu vou!" Procurará os fugitivos. Logo que encicntre algum, perseguirá-o até o pique. Si o ambador, dirá: "Pique!" Si o fugitivo chegar primeiro ao pique, dirá: "1, 2, 3, para mim." E estará salvo.

NOTA: Si alguém se esconder perto do pique, poderá se salvar, tocando-lhe a mão e dizendo: "1, 2, 3, para mim."

O pegador continúa procurando todos. Si levar muito tempo e não encontrar nenhum, dirá: todos que estão aqui estão salvos e o primeiro que fór preso torna-se pegador e o jogo recommença.

O ESQUILLO

Formam-se os meninos em grupos - cada grupo com uma roda de 3 pessoas e uma outra dentro da roda - que será o esquillo sem morada. As pessoas na roda botam as mãos nos hombros das companheiras. A professora ou outra pessoa bate as

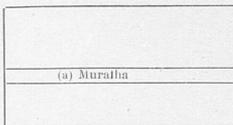
mãos ou dá um apito e os esquillos trocam os lugares. O esquillo sem morada, por sua vez, se esforçará para se alojar em um dos circulos, logo que os pilhe vagos. O que ficar por fóra passará a ser o esquillo sem morada.

MURALHA CHINEZA

O pegador fica na supposta muralha (a). Os jogadores conservam-se do lado opposto.

Sem ordem ou sem signal, todos procuram atravessar a muralha, sendo impedidos pelo pegador. Si este conseguir prender alguém, o conservará em sua muralha que ficará, assim, augmentada.

Assim continúa
Um lugar marcado como:



JOGO CHINEZ

Collocam-se, no chão, sapatos que tenham certa distancia um do outro.

Dado o signal, de cada partido são um menino pulando só com o pé direito; elle passa sobre cada um dos sapatos, pulando. Quando chegar ao ultimo, dá-lhe um pique-pé (com o pé esquerdo), apanha e traz para frente. Contínua assim, procurando trazer para frente, o maior numero de sapatos.

Assim fará, não errar, isto é, deixar o pé esquerdo ir ao chão ou esbarrar nos sapatos. O 1.º será substituído pelo 2.º e assim por diante.

O partido que terminar primeiro, vencerá.
NOTA: São precisos fisesas para cada partido.

O GATO E O RATO

Os alumnos, em circulo, se tomam pelas mãos, braços elevados e afastados. O alumno escolhido para ser o Rato corre para fóra do circulo, perseguido pelo Gato. Este é obrigado a passar por todos os braços, por onde passou o Rato, por sobre os hombros, pernas, etc.

Os jogadores não devem ser muito numerosos, afim de que todos possam correr, cada um por vez; si o Gato não puder prender o Rato, será substituído por outro jogador.

VIUVA

Ha meninas e meninas em 2 filas paralelas. Um, á frente, distante 5 metros das filas, dirá: "Uim-no par!" Este atravessará o campo á frente procurando o noivo.

Quando passarem, pode o viuvo ou viuva procurar seu par, prendendo-o.

O que ficar só, passará a ser viuvo ou viuva. O par se estorça muito para reunir-se e o viuvo, ao mesmo tempo, faz todo possível para tocar em um do par, para que elle não seja mais viuvo.

O GATO EM SEU CANTINHO

Cada gato está em seu cantinho, havendo um ao outro. Os de fóra trocam seus lugares, podendo o do centro fazer esforços para ficar em algum canto que achas desocupado. O que ficar sem lugar passará ao lado. E o jogo continúa.

NOTA: No pateo, em vez de cantos, podem se usar arvores. O gato pode gritar "todos mudem" e todos têm de mudar os seus lugares.

GATO DOENTE

Os alumnos formam-se em circulo. Dado o signal, o que se escolheu para gato, persegue os companheiros. Aquelle que fór tocado ou preso pelo gato, collee a mão sobre o lugar tocado, perseguido, em seguida, seus camaradas, nesta posição. A pessoa em quem elle toca torna-se gato doente. Dez minutos bastam para esse jogo, que é interessante pelas extravagantes posições em que são obrigados a correr os jogadores.

Este jogo é uma variação de péga-péga.

CHICOTE QUEIMADO

Os alumnos fazem um circulo e collocam as mãos ás costas (abertas). Um, tendo a mão, um lenço enrolado, o chicote, corre em torno do circulo e deposita o chicote na mão de um de seus companheiros. Este tem o direito de surrar o visinho da direita ou da esquerda (conforme a convenção), que se salva, correndo em torno do circulo, até voltar a seu lugar.

O novo possuidor do chicote collee-o, por sua vez, na mão de um de seus companheiros. E o jogo continúa

Este jogo se acha em toda parte — Japão, Italia, etc.

É um dos mais antigos.

TREM DE FERRO

Os meninos dispersam-se pela sala; cada um escolhe para si o nome de uma das peças de que se compõe o trem de ferro. Dado o signal, um, á frente, dirá: "Preciso fazer uma viagem, mas na machina, ha falta de"

O menino que representar esta peça se collocará em posição para formar o trem. Assim, todos serão chamados e se organizará o trem designado; para isso, cada collee as duas mãos no hombro do que lhe ficar na frente. O trem se porá em movimento, até se occasionar algum desastre.

CAMINHO A JERUSALEM

Collocam-se as cadeiras em linha recta, em sentido contrario. Haverá tantas cadeiras quantos forem os alumnos menos um. Toca-se a musica. Á hora em que esta parar, todos sentam. Um, porém, ficará de pé. Este sahirá do jogo e levará consigo uma cadeira.

E o jogo continúa

NOTA: Uma variação é formar um circulo e marchar com a musica. Um tapete será collocado onde todos têm de atravessar. Si a musica parar e os alumnos não estiverem todos sobre elle, estes têm de sahir e os outros continuam.

CAMINHO A JERUSALEM (Variação)

Collocam-se no chão tantas paginas de jornal quantos são os alumnos, menos 1. Toca-se a musica. Á hora em que esta parar, todos sentam sobre os formados. Um ficará de pé, pois ha um jornal de menos. O que ficou de pé sahirá do jogo e levará consigo um jornal.

E o jogo continúa

PÉGA-PÉGA CONTRARIO

Os meninos formam-se em duas filas. Dado o signal, correm dois á dois assim: um bate um mão do outro e ambos sahem correndo em direções oppostas, devendo voltar ao lugar de onde partiram. O que chegar primeiro, vencerá.

DOOGE BALL

Podem tomar parte neste jogo muitas creanças; estas se dividem em dois partidos, formando dois circulos; devem ter as mãos livres.

O juiz, com um relógio á mão, marcará o tempo. Dado o signal, as creanças que estão ao lado de fóra jogam a bola ás que estão no interior do circulo; estas procuram escapar, quer pulando, quer correndo (dentro do circulo). A que fór tocada pela bola sahirá para fóra. Assim continúa, até que saiam todas. O juiz marcará o tempo.

Depois, invertem-se as posições: as que estavam fóra passarão para dentro e vice-versa. Faz-se o mesmo. O partido que gastou menos tempo para tirar, do interior do circulo, seus adversarios, vencerá.

NOTA: Depois de exercitados, pode ser empregado maior numero de bolas, ao mesmo tempo.

SACCOS DE FELIJO

I

Forma-se uma roda. Haverá 3 saccos. Dado o signal, os alumnos se sentam aos outros, sem ordenar a passagem dos mesmos.

Um alumno, ao centro, procura se apoderar dos saquinhos. Si o conseguir, passará á roda, vindo para o centro e o que o substituirá.

II

Forma-se uma roda. Haverá tantos saccos quantos forem os alumnos menos um. Dado o signal, cada um passa o sacco ao visinho, que o recebe com a mão esquerda, passa-o á direita e, dahi, ao companheiro da direita. Este movimento deve ser rapido, depois de algum exercicio. Quem deixar cair o sacco, ficará assentado. O ultimo será o vencedor.

NOTA: — Para iniciar é melhor usar menos saccos.

III

Faz-se um circulo com todos os alumnos. Depois, estes se numeram: 1, 2, 1, 2, etc. Dado o signal, o numero 1 atira o saquinho ao numero 1 e o n.º 2 ao n.º 2, etc. Este movimento pode augmentar a sua velocidade. Só se empregam 2 saccos.

Traçam-se 2 circulos oppostos a cada uma das 2 filas de alumnos. Dado o signal, os primeiros atiram 6 saccos (1 a 1) nos circulos.

Conta-se 1 ponto para cada sacco cair dentro do circulo e não tocar a linha. A fila que mais pontos fizer vencerá.

NOTA: Pode-se contar por pontos ou por tempo. Com muitas pessoas, pode-se ter mais fileiras ou columnas.

V

Ha uma taboa rectangular, com dois buracos quadrados, de tamanhos diferentes. Os alumnos collocam-se a certa distancia, em columna. Dado o signal, cada um, por sua vez, atira 6 saquinhos de feijão (1 a 1) dentro dos buracos. Si acertar no menor, fará 10 pontos e, no maior, 5 pontos. Contam-se os pontos.

NOTA—Este jogo pode ser feito por partidos.

VI

Ao fundo do pateo ou da sala, collocam-se 3 caixinhas, umas dentro das outras, de modo que a 1.ª tenha 6 pollegadas quadradas e as outras augmentem proporcionalmente. A uma distancia de 3 ou 4 metros, ficam os alumnos em fileiras. Dado o signal, cada um atira 6 saccos de feijão (1 a 1), procurando fazer com que elles cãiam dentro das caixas. Quem atirar na menor, fará 15 pontos, na 2.ª 10 pontos e na 3.ª 5. Em seguida quem atirou os saquinhos irá buscal-os e os entregará ao immediato, etc.

A professora tomará nota dos pontos.

NOTA: Este jogo pode ser feito por partidos, collocando-se cada um de um lado da sala ou pateo.

SECÇÃO OFFICIAL

Directoria da Instrucção

Relação dos professores elogiados no mez de Setembro de 1925.

Por portarias:

Dia 3

Orozimbo dos Reis Moreira, de Divino, municipio de Ubá.

Dia 5

José Saturnino de Sousa, de Santa Barbara do Tugurio, municipio de Barbacena;

Maria Josephina de Andrade, de Algôa, municipio de Itanhandú;

Maria de Lourdes Gomes e Julia Gomes, de S. Sebastião da Estrella, municipio de Além Parahyba.

Dia 12

Casilda Nogueira de Carvalho, da cidade de Caxambú;

Maria Romano, de Inhapim, municipio de Caratinga;

Djanira Sampaio, de União, municipio de Barbacena.

Dia 28

Clotilde Framil, de S. José do Picu, municipio de Itanhandú;

Por officios:

Dia 1

Maria de Aquino, da cidade de Ubá.

Dia 2

Emilia Cerdeira, de Vera Cruz, municipio de Pedro Leopoldo.

Dia 8

Augusta Guimarães, da Villa de Guarany;

Alice Vasconcellos, da mesma villa;

Edith Carvalho

Dia 12

José Corrêa, Vianna, de União, municipio de Barbacena;

Blanche Eunice Gomes, da Cidade de Caxambú.

Dia 22

Maria Luiza de Araujo Moreira, Haydée Prado, Zilda Prado, Durvaleta Ferreira de Mello e Adelia de Barros Queiroz, do grupo escolar da cidade de Fructal.

Alice da Costa Mattos, de Remedios, municipio de Barbacena;

Manoel Jacintho da Silva Pontes, do grupo escolar de Fructal;

Dia 25

Henrique Del Castillo, da cidade de Santa Rita do Sapucahy;

Francisco Falcão, da mesma cidade.

Dia 28

Lupercio de Souza Rocha, da cidade de Bependy.